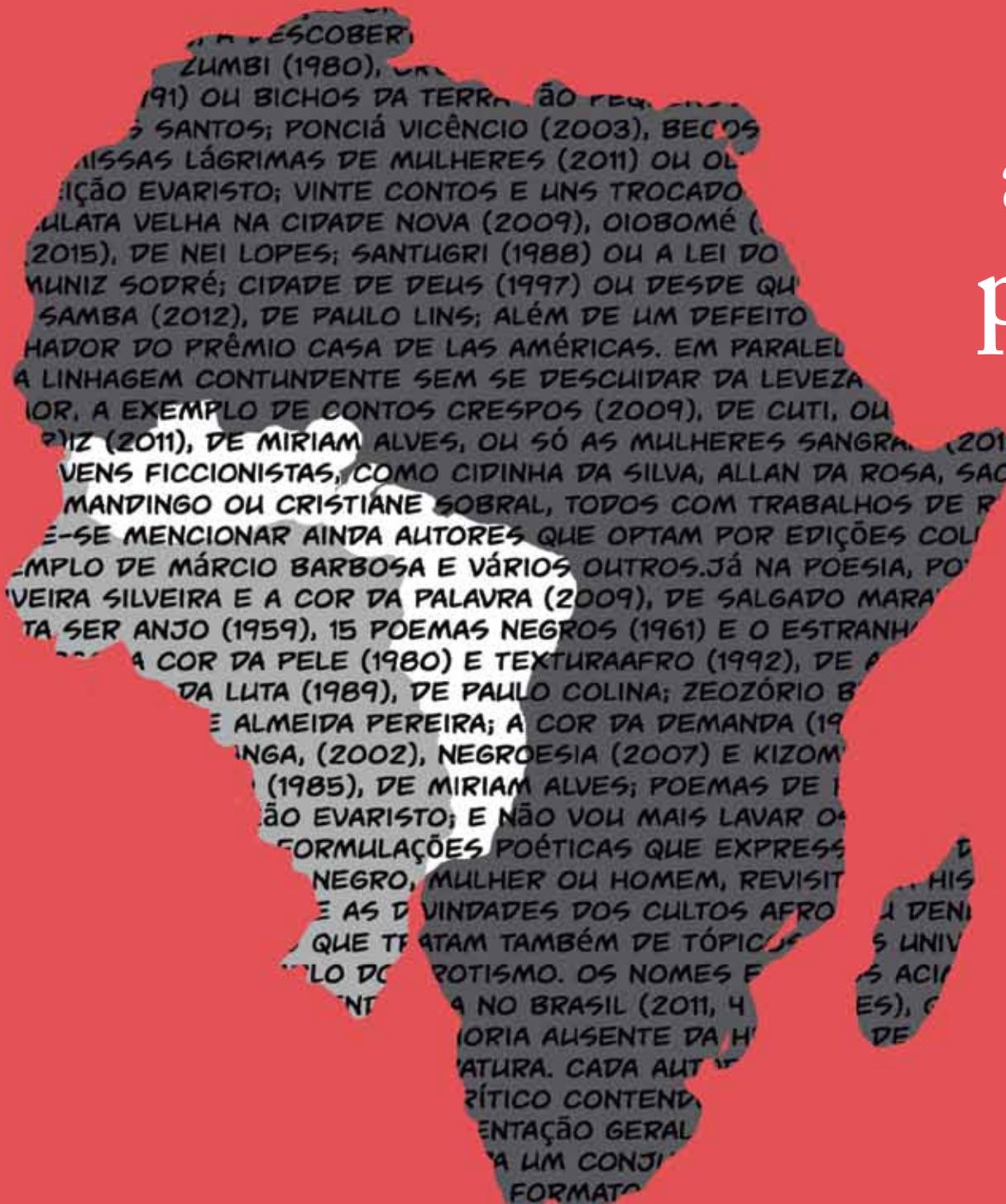


A literatura afro-brasileira pede passagem

O **Cândido** traz um panorama da produção de autores negros na literatura brasileira, dos precursores até a novíssima geração





EDITORIAL

Foto: Kristiane Foltran



A contribuição da cultura negra para a formação do Brasil é inegável e fundamental. Na literatura não é diferente. No mês em que se comemora o dia da Consciência Negra (20 de novembro), o **Cândido** resgata o percurso de escritores afro-descendentes em nossa história literária.

Dos fundamentais e clássicos Machado de Assis e Lima Barreto, passando por nomes menos conhecidos, como Luiz Gama, até chegar a poetas e prosadores contemporâneos, como o curitibano Celio Jamaica (foto), a edição mostra como e sobre o que esses autores escreveram.

Assuntos como preconceito, militância e política racial são levantados a partir de matérias e ensaios. A equipe do jornal ouviu críticos, autores e pesquisadores, que comentam diversos aspectos da literatura feita por afro-brasileiros.

“A literatura espelha o preconceito social e torna a questão ainda mais visível”, observa Regina Dalcastagnè, professora da Universidade de Brasília (UnB) que coordenou pesquisa envolvendo 700 romances brasileiros, cujo resultado apontou que 96% dos autores são brancos.

Em ensaio inédito, Eduardo de Assis Duarte, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), analisa o percurso dos nomes mais relevantes da literatura afro-brasileira, conhecidos ou não dos leitores do país.

Autor de mais de 20 livros, Nei Lopes lançou neste ano seu mais recente romance. Em entrevista ao **Cândido**, o escritor fala sobre *Rio Negro, 50*, ambientado no Rio de Janeiro, então capital federal, na década de 1950, “período de liberação e efervescência cultural que também marca a re-

tomada, no Brasil, de um movimento de reconhecimento da contribuição do negro à vida cultural brasileira”, conforme explica Lopes.

Já o ensaio assinado pelo professor Claudécir de O. Rocha resgata a história da poeta negra curitibana Laura Santos. Influenciada pela estética parnasosimbolista, principalmente por Olavo Bilac, ela criou uma poética diferenciada e moderna, com traços biográficos, por meio dos quais elucidava a realização dos seus anseios, ao mesmo tempo em que expressava um desejo de transcendência.

A 52ª edição do **Cândido** ainda traz outros conteúdos, como poemas de Xico Chaves, Laura Santos e Gil Jesse, além de traduções de Jair Ferreira dos Santos e Alessandro Rolim Moura para poemas do argentino Máximo Simpson e dos gregos Mosco e Bión, respectivamente.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Kaype Abreu e Lucas de Lavor

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Sollieri Brandt | coordenação

Bianca Franco, Marília Costa, Marluco Reque

e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Alessandro Rolim Moura, Bianca Franco, Claudécir de O. Rocha, D.W. Ribatski, Eduardo de Assis Duarte, Fernando Severo, Gil Jesse, Henry Milléo, Jair Ferreira dos Santos, Kraw Penas, Laura Santos, Marília Costa e Xico Chaves.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



Consciência Negra 1

Em novembro, a Biblioteca Pública do Paraná promove programação especial em homenagem ao Dia da Consciência Negra, comemorado no dia 20. No Hall Térreo da BPP, a artista Fernanda Castro expõe seus trabalhos sobre a realidade das mulheres quilombolas no Paraná. A mostra será aberta no dia 10 de novembro e segue até dezembro.



Consciência Negra 2

Em parceria com o Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS-PR), a Biblioteca Pública do Paraná exibe quatro longas-metragens na mostra “Escritores Afrodescendentes no Cinema Brasileiro”. São eles: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de An-

dré Klotzel (dia 05), *Policarpo Quaresma, herói do Brasil*, de Paulo Thiago (dia 12), *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade (dia 12), e *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles (dia 26). As exposições são gratuitas e acontecem às quintas-feiras, às 15h.

Divulgação



Música de Câmara

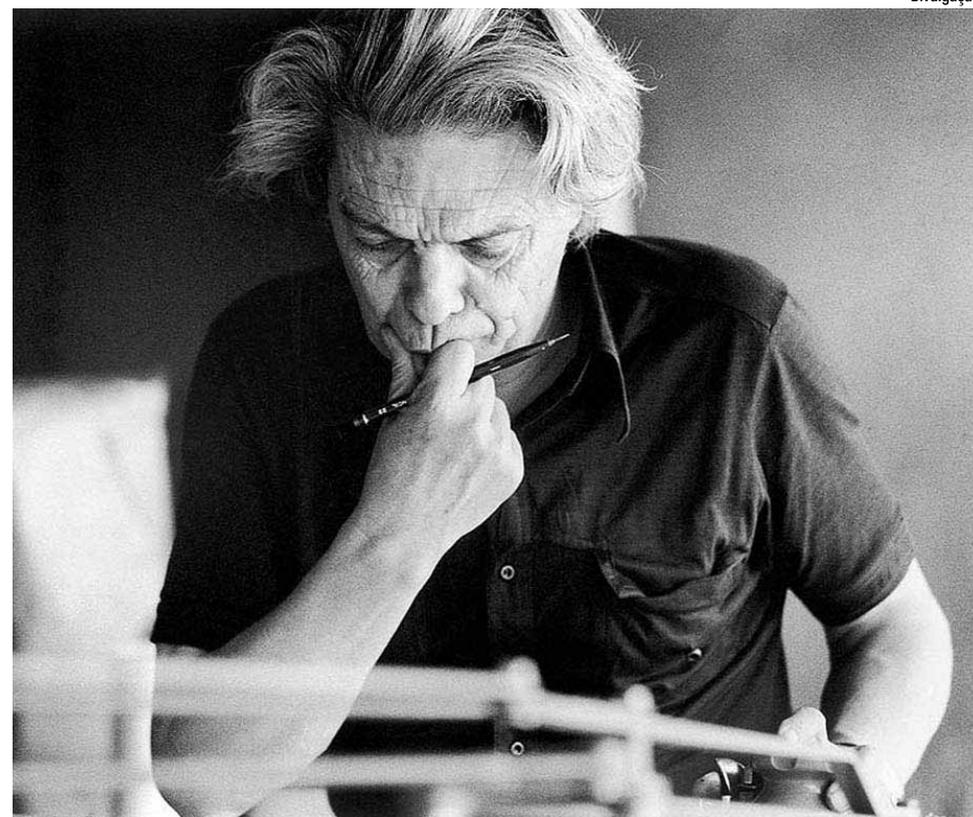
Em dezembro, a Biblioteca Pública do Paraná recebe duas apresentações de música de câmara. Os eventos fazem parte do Simpósio de Violão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), que leva concertos e recitais de violão a espaços públicos de Curitiba. No dia 7 de dezembro, às 17h, o Quarteto Zenamon interpreta peças de compositores brasileiros como Homero Pereira, Leo Brouwer, Celso Machado e Dilermando Reis. No dia 11, às 17h30, o Duo Zabrocki-Lentz (foto) apresenta repertório com peças de Ferdinando Carulli, Claude Debussy e Marlos Nobre, entre outros compositores. Os eventos são gratuitos e acontecem no Hall Térreo da BPP.

Prêmio São Paulo

Cristovão Tezza e Rodrigo Garcia Lopes estão na fase final do Prêmio São Paulo de Literatura 2015. Tezza concorre com o romance *O professor*; Garcia Lopes está na disputa com *O trovador*. Este é o segundo prêmio em que os dois autores concorrem este ano. Seus livros já haviam sido selecionados entre os semifinalistas do Prêmio Oceanos. Ao todo, são 21 finalistas do Prêmio São Paulo, que distribui R\$400 mil aos vencedores de três categorias.



Divulgação



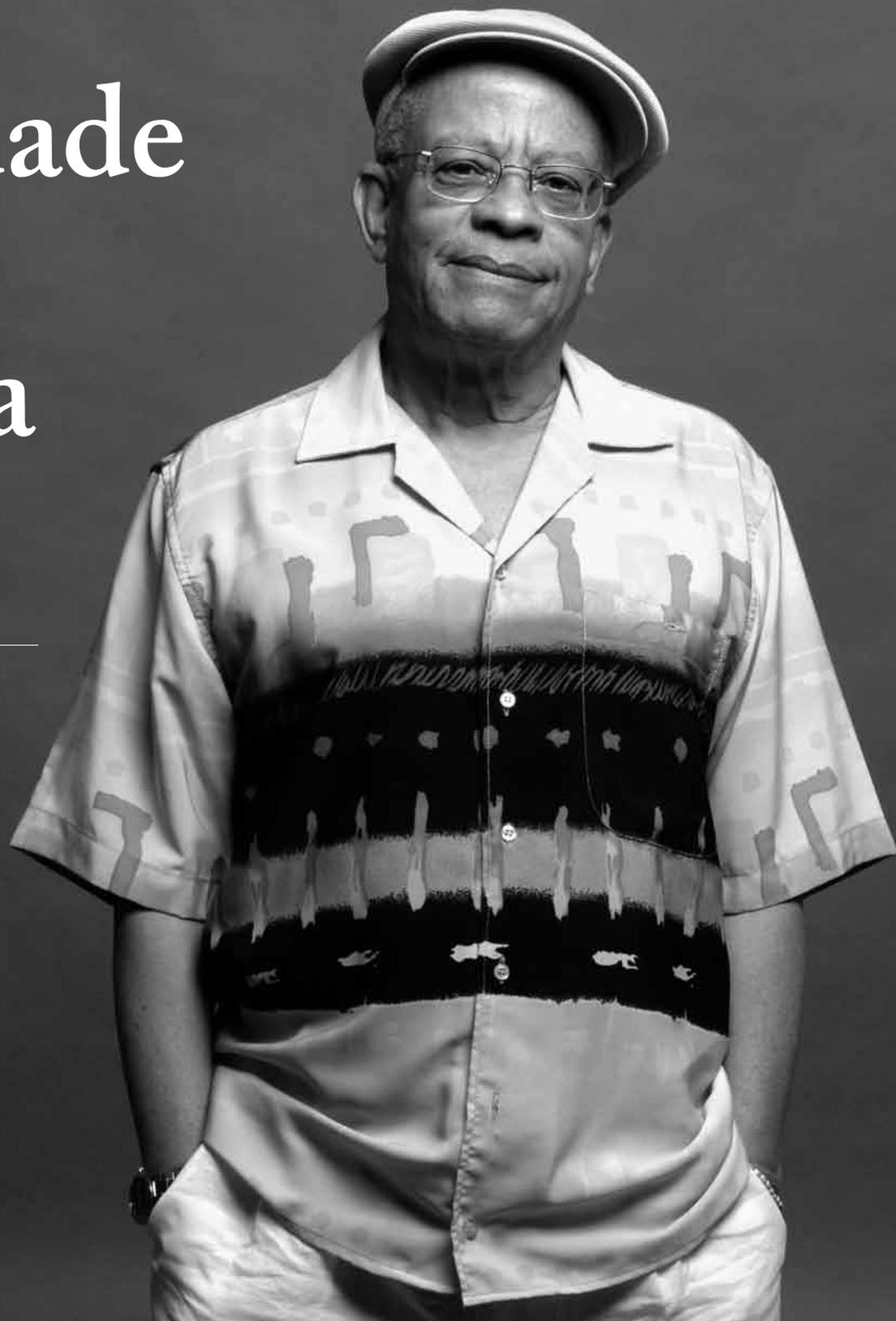
Vilanova Artigas

Até fevereiro de 2016, permanece em cartaz, no Museu Oscar Niemeyer (MON), a mostra “Nos pormenores um universo — Centenário de Vilanova Artigas”, sobre o arquiteto curitibano João Batista Vilanova Artigas (1915-1985),

que completaria 100 anos em 2015. A exposição traz projetos originais, desenhos artísticos do arquiteto e maquetes (de vários formatos e escalas), fotografias e documentos do acervo da família. Mais informações: (41) 3350-4400.

“A invisibilidade
do meu povo
me incomoda
muito”

MARCIO RENATO DOS SANTOS



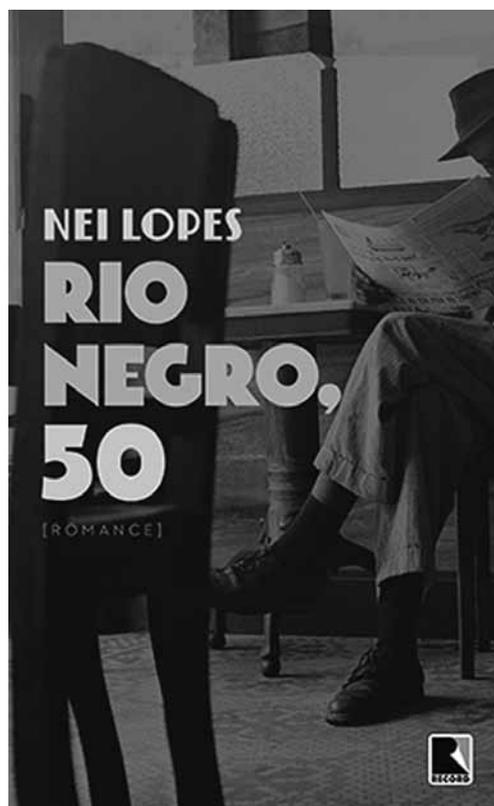
Nei Lopes, 73 anos, é um autor que, por prazer e missão, tem a afrobrasilidade como tema. O seu mais recente romance — *Rio Negro, 50* —, publicado pelo Grupo Editorial Record neste ano, é ambientado no Rio de Janeiro, então capital federal, na década de 1950, “período de liberação e efervescência cultural que também marca a retomada, no Brasil, de um movimento de reconhecimento da contribuição do negro à vida cultural brasileira”, explica o escritor, nascido no Irajá, subúrbio carioca, atualmente vivendo em Seropédica, município do Rio de Janeiro, localizado a 50 quilômetros da capital.

“*Rio Negro, 50* é, se me permite a ousadia, um romance de tese que tem por objetivo dizer coisas que até hoje só têm sido ditas nos livros científicos”, afirma o escritor com dezenas de títulos publicados, entre os quais *Vinte contos e uns trocados* (2006) e *Poética* (2014), também compositor e intérprete de música popular, autor de canções gravadas, entre outros, por Alcione, Beth Carvalho, Chico Buarque, Dudu Nobre, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho.

Lopes concedeu entrevista ao **Cândido** respondendo, exclusivamente, perguntas sobre *Rio Negro, 50*. Na longa narrativa ficcional, ele inventa e batiza um bar, com o nome que dá título ao livro, onde personagens negros se encontram e discutem, entre outros assuntos, política, música, teatro, dança, religião, esporte, crime e racismo.

Pesquisador da temática africana e afro-originada, é autor de obras que são referências sobre o tema, como *Dicionário da antiguidade africana* (2011), *Enciclopédia da diáspora africana* (2011), *Novo dicionário banto do Brasil* (2012) e do recém-publicado, em parceria com Luiz Antonio Simas, *Dicionário da história social do samba*.

Ele afirma, por exemplo, que a abolição dos escravos não aconteceu como de fato se comenta: “A chamada Lei Áurea só tem um artigo. Nenhuma de suas consequências foi contemplada. Aboliu-se a escravidão e jogou-se seus ‘problemas’ no lixo.” Lopes tem pontos de vista contundentes sobre samba, religião, reveillon carioca e outros temas — são, enfim, reflexões elaboradas a partir de vasta pesquisa que compõem este bate-papo realizado por e-mail.



ENTREVISTA | NEI LOPES

A movimentação cultural do Rio de Janeiro da década de 1950 foi bem mais ampla do que apenas, por exemplo, a bossa nova. Levando em conta o seu romance *Rio Negro, 50*, o que mais aconteceu culturalmente na então capital federal durante os anos 1950?

A década de 1950 constituiu um período de liberação e efervescência cultural que também marca a retomada, no Brasil, de um movimento de reconhecimento da contribuição do negro à vida cultural brasileira. Por esse tempo, revivem organizações culturais e políticas negras, abafadas durante o Estado Novo; criam-se ou se expandem organizações importantes, como o Renascença Clube e A União dos Homens de Cor. É nesse contexto, de afirmação da escola de samba Império Serrano, que nascem as revolucionárias escolas de samba Acadêmicos do Salgueiro e Mocidade Independente; que se consolida o Teatro Experimental do Negro; que se formata a dança afro, com Mercedes Batista; que reluzem os musicais de Carlos Machado, em que o samba tem papel importante; e em que a religiosidade de base africana, pela exuberância dos rituais dos candomblés, começa a ser reavaliada.

Há a morte de Vargas, a derrota da seleção brasileira no Maracanã na final de uma Copa do Mundo, entre outros fatos que ficaram marcados no imaginário brasileiro. Então, ambientar o romance *Rio Negro, 50* na década de 1950 foi um escolha decisiva, fundamental? Faltava alguém tratar literariamente do período?

Faltava quem tratasse do ponto de vista do povo negro; e é isso que eu tenho procurado fazer em toda a minha obra ficcional.

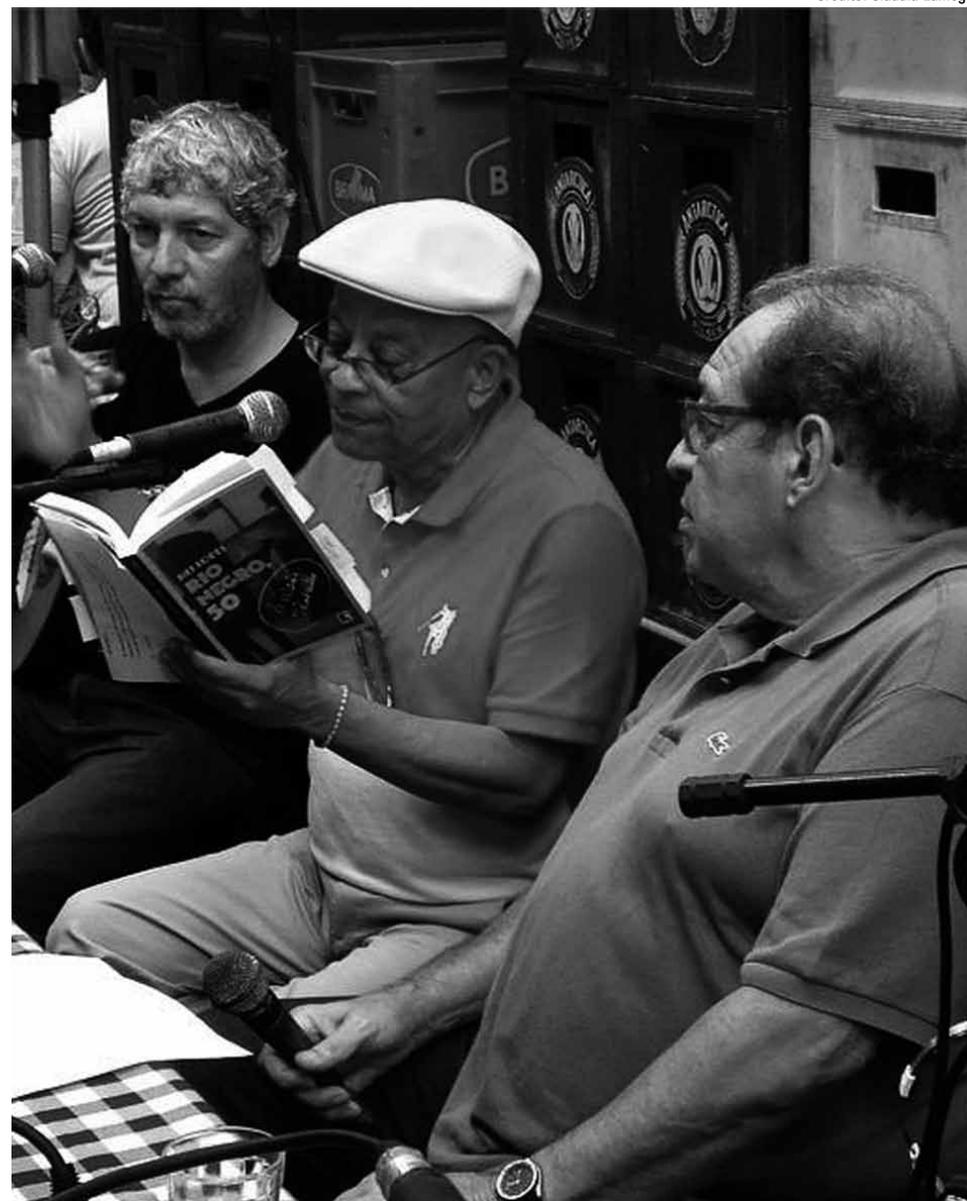
“A década de 50 constituiu um período de liberação e efervescência cultural que também marca a retomada, no Brasil, de um movimento de reconhecimento da contribuição do negro à vida cultural brasileira.”

Na página 47 de *Rio Negro, 50*, um personagem fala: “Mas parece que preto só é bom mesmo no futebol, no salto e na corrida. Por que será?”. Em seguida, o diálogo entre as vozes promove um debate, menciona-se que na natação não tem atletas negros, até que há uma ponderação: “Então, eles são melhores nos esportes onde as barreiras econômicas são menores.” Uma das linhas de força de seu livro é justamente discutir e questionar lugares-comuns ditos e repetidos sobre os negros?

Rio Negro, 50 é, se me permite a ousadia, um romance de tese que tem por objetivo dizer coisas que até hoje só têm sido ditas nos livros científicos.

Há menção a pensadores, gente que gostava de conversar e discutir, muitos dos quais se reuniam no bar, inventado, que dá nome ao livro — possivelmente inspirado em um bar que de fato existiu. Aquele tempo foi o início

Crédito: Cláudia Lamego



No dia 13 de junho deste ano, Nei Lopes lançou *Rio Negro, 50* no Rio de Janeiro, ao lado dos amigos Pedro Amorim (esq.) e Ruy Castro (dir.)

de tomada de consciência pelos negros? O bar representa isso, o espaço para a reflexão sobre as questões do mundo?

Eu não vivi intelectualmente a década, pois nasci em 1942 e só tomei consciência da questão social na década de 1960, quando ingressei na Faculdade Nacional de Direito. Mas logo senti o eco do que se discutiu antes; e percebi que o bar era, sim, como foi ainda por muito tempo, o espaço dessas trocas de ideias.

O samba é um dos assuntos que ganha espaço em *Rio Negro, 50*. Pelas vozes dos personagens, há uma discussão a respeito do que se tornou o samba, dominado pelo comércio, o carnaval transformado em mercadoria. Desde quando o samba deixou de ser samba, deixou (deixou mesmo?) de ser expressão dos negros? Desde quando o carnaval, o desfile das escolas de samba, perdeu a essência? Houve uma essência? Qual?

Na ficção, antecipei no tempo a discussão das questões do samba. Porque as grandes transformações, no universo do samba, eclodiram, mesmo, na década de 1970, quando a música perdeu em importância para a cenografia e os figurinos. E, nesse quadro, a correlação de poder se modificou totalmente. Até, então, nas escolas, os compositores ainda tinham alguma força. Eu sempre lembro que, no início das escolas, os grandes líderes eram Paulo da Portela, Cartola, Antenor Gargalhada, Mano Eloi etc, todos compositores.

Em um momento do livro, algumas personagens femininas discutem se há ou não racismo no Brasil e, pela discussão, há um contraponto. Quando te perguntam se há racismo no Brasil, o que diz? De 1950 até hoje, o que mudou?

“Sou um autor que tomou a afrobrasilidade como tema, por missão e por prazer.”

O que mudou foi que na República Velha havia políticas públicas com o objetivo de neutralizar a influência africana e até mesmo embranquecer o Brasil, o que ainda ecoava na década de 1950, época de nossa primeira lei contra discriminação racial. E da década de 1980 pra cá criaram-se, bem ou mal, políticas de inclusão social da população negra. O que, inclusive, neste exato momento, é causa de muita tensão. Mas mudou.

Se fosse possível sintetizar uma resposta, o que dizer da contribuição negra para a cultura brasileira? E, ainda, há áreas nas quais não houve, mesmo que indiretamente, contribuição negra no Brasil?

Esta contribuição foi decisiva. Mas um fenômeno cruel começa a fazer efeito: é a apropriação de boa parte dessa contribuição, principalmente no campo da cultura, por outros segmentos. Começou na música instrumental, passou pela capoeira... E hoje chega ao exercício das artes culinárias. Quando certas atividades ganham prestígio, os afrodescendentes são excluídos de seu exercício. Por razões puramente econômicas.

No romance, fala-se de uma conspiração oficial contra os negros? Aconteceu mesmo?

É só uma brincadeirinha.

Em sua opinião, aconteceu de fato a abolição no Brasil?

A chamada Lei Áurea só tem um artigo. Nenhuma de suas consequências foi contemplada. Aboliu-se a escravidão e jogou-se seus “problemas” no lixo.

As religiões de origem africanas ganham espaço no livro, há reflexão sobre o impacto delas no Rio de Janeiro. A crença do carioca passa pelos ritos afros?

No atual momento, as igrejas “eletrônicas” dominam. Mas o Rio na década de 1950 via a religiosidade afro com bastante interesse. E a sofisticação dos candomblés, como eu já disse, atraía muita gente. Em *Rio Negro, 50* ficcionalizo o episódio real da primeira Festa de Iemanjá na orla da zona sul. Que se tornou um evento turístico, para depois ser afastada para as praias ou deslocada para a véspera do dia 31. O “sagrado” do reveillon carioca, hoje, é a queima de fogos.

Em *Rio Negro, 50*, há um comentário dando a entender que o pessoal da zona norte do Rio tem inveja apenas do mar da zona sul. É isso mesmo?

Respondo a esta pergunta, tendo acabado de ler no jornal que a Prefeitura do Rio inaugurou uma praia artificial em Madureira, na zona suburbana. A questão não é exatamente inveja: o caso é que as praias fora da zona sul, como as da Ilha do Governador, de Ramos, Sepetiba etc., não recebem os cuidados necessários e aí se tornam difíceis de frequentar. Se a Baía de Guanabara, principalmente, fosse efetivamente despoluída, o Rio todo teria belas praias. E ninguém teria inveja nem precisaria brigar.

De 1950 pra cá, houve mudanças e avanços para os negros no Brasil. Racismo é crime. Mas o que ainda precisa avançar? Quais as conquistas que os negros ainda precisam ter?

O Brasil precisa dar o básico a todo mundo: saúde, educação, moradia digna, transporte eficiente. Este é o primeiro passo. Depois, criar políticas de inclusão na mídia, na propaganda... É bastante desconfortável, para nós afrodescendentes, não nos vermos representados nos veículos de comunicação, nas campanhas de publicidade... Isso é a primeira coisa que os negros estrangeiros observam quando chegam aqui: “Onde é que está a outra metade da população?”

Toda a sua obra publicada dialoga com o legado dos negros desde o primeiro ensaio *O samba, na realidade... até o Dicionário da história social do samba*, parceria com o professor Luiz Antonio Simas. O senhor se considera um militante ou é um autor coerente com as origens? Como define a sua atuação intelectual?

Sou um autor que tomou a afrobrasilidade como tema, por missão e por prazer. A invisibilidade do meu povo e a inferiorização dos nossos valores me incomoda muito.

Na década de 1980, o senhor trocou a carreira de advogado pela de compositor de música popular. Analisando, com a percepção de 2015, foi uma decisão complexa ou não? Que advogado o senhor poderia ter sido, se tivesse continuado, se houvesse se na História?

Foi a decisão mais acertada da minha vida. Porque deixei a advocacia para viver da minha criação intelectual, mas sem abandonar o Direito. ■

Tradução: Jair Ferreira dos Santos

O HOTEL MELANCÓLICO

O hotel melancólico navega
na noite rumo à morte,
com seus corredores escuros onde passeiam
remotos marechais do grande czar Alexandre,
com velhos samovares e garrafões tristes,
e seus ladrilhos trincados, sua autocracia exausta
e sua pátina ilustre:
poltronas em farrapos,
pequena arqueologia do pensionista pobre
que conserva entre ruínas a metade de sua alma,
e de outra parte a atmosfera de inverno,
os pátios suspeitos e os altos ciprestes
que protegem a casa.
Tem um colecionador de seres minúsculos,
entomólogo suave de um musical enigma,
que atravessa os pátios com um presunto e um trovão;
tem um delgado junco tradutor de novelas:
todos os dias come sua ração de consolo,
mas tudo é inútil porque a visão
de um escândalo celeste domina sua alma.
E Maria Ivanovna cheia de lembranças:
em Petrogrado, quando
a vida era bela nos salões.

O ar convalesce
no orgulho ferido da casa:
temos aqui um raro clima de perdão,
e adolescentes velhos
como a jovem aranha de rosto milenário
que instalou grandes máquinas ferozes
no quatinho de um antigo jovem que morreu.
Há a mulherzinha que vive nas trevas,
que se veste de luto à espera do acaso,
por apreensão com o talvez,
em seu quarto imperial coberto pelo pó.
E há também a viúva do rei da Tasmânia,
com seu chapéu vermelho de general inglês.

E aqui estou eu que escrevo isto:
eu busco o equilíbrio das coisas,
e por isso navego neste hotel profundo
rumo a meu grande destino:
eu que sou feliz, sereno e apolíneo,
preparo com minha régua de cálculo
as leis da terra.

(Poemas del Hotel Melancólico, 2004).

EL HOTEL MELANCÓLICO

El hotel melancólico em la noche
navega hacia la muerte,
com sus pasillos negros por donde se pasean
remotos mariscales del gran zar Alejandro,
com samovares viejos y tristes damajuanas,
y sus baldosas rotas, su extenuada autocracia,
y su pátina ilustre:
sillones andrajosos,
pequeña arqueología del pensionista pobre
que conserva entre ruinas la mitad de su alma,
atmósfera de invierno de otra parte,
los patios sospechosos y los altos cipreses
que defienden la casa.
Hay un coleccionista de minúsculos seres,
entomólogo suave de musical enigma,
que atraviesa los patios com un jabón y un trueno;
hay un delgado junco traductor de novelas:
todos los días come su ración de consuelo,
pero es inútil todo porque domina su alma
la visión de un escándalo celeste.
Y Maria Ivanovna com sus grandes recuerdos:
em Petrogrado entonces
era bella la vida em los salones

El aire convalece
em el golpeado orgullo de la casa:
hay aqui un raro clima de perdón,
y adolescentes viejos
como la araña joven de rostro milenario,
que instaló grandes máquinas ferozes
em su pequeño cuarto de antiguo joven muerto.
Y está la mujercita que vive em las tinieblas,
que se viste de luto por si acaso,
por aprensión em tal vez,
em su cuarto imperial cubierto por el polvo.
Y está también la viuda del rey de la Tasmania,
com su sombrero rojo de general inglés.

Y estoy yo, que esto escribo:
yo busco el equilibrio de las cosas,
y por eso navego em este hotel profundo
hacia mi gran destino:
y yo que soy feliz, sereno y apolíneo,
com mi regla de cálculo preparo
las leyes de la tierra.

FALA JANTO

Janto, o “corcel de pés ligeiros”, baixou a cabeça e disse: “Hoje te salvaremos, impetuoso Aquiles, mas está próximo o dia da tua morte.”

Iliada, Canto XIX

Quando el caballo habla,
treme toda a casa do olvido.
treme toda a casa,
treme todo o olvido:
as portas da noite recuam.

Quando o cavalo clama,
quando o cavalo augura, profetiza,
escurecem as janelas e os portões,
e o homem à deriva dá um volteio
e para, e espera.

Quando el caballo habla e se antecipa,
todos se calam prontamente,
e o pobre orgulho da espécie
se amontoa sobre a língua.
Quando el caballo habla,
o pampa sonha com o mar,
e o ginete desmonta,
se aventura por seus olhos adentro,
se desnuda.

Quando el caballo habla,
quando sabe,
a memória perdida se instala na existência
e corrói as mais fundas certezas.
Quando o corcel floresce na tormenta,
quando suas mãos se erguem para o céu,
quando, súbito, brinca e vaticina,
um ambíguo clarão empana os cristais,
uma chuva indecisa retorna para o alto.

Quando o cavalo sabe,
quando o ginete escuta,
o sacerdote declina dos troféus.

Quando el caballo habla,
o homem põe os pés na terra,
pensa nos ancestrais,
se prepara.

(Antologia poética, 2004)

HABLA JANTO

Janto, el “corcel de ligeros pies”, bajó la cabeza y dijo: “Hoy te salvaremos, impetuoso Aquiles, pero está cercano el día de tu muerte”.

Iliada, Canto XIX.

Quando el caballo habla,
tiembla toda la casa del olvido.
Tiembla toda la casa,
tiembla todo el olvido:
las puertas de la noche retroceden.

Quando el caballo clama,
quando el caballo augura, profetiza,
se oscurecen ventanas y cancelos,
y el hombre a la deriva da un rodeo,
hace un alto y espera.

Quando el caballo habla y se antecipa,
todos callan de pronto,
y el desvalido orgullo de la especie
se amontona em la lengua.
Quando el caballo habla,
la pampa sueña com el mar,
y el jinete desmonta,
se aventura por dentro de sus ojos,
se desnuda.

Quando el caballo habla,
quando sabe,
la memoria perdida se instala em la existencia
y corroe las hondas certidumbres.
Quando el corcel florece em la tormenta,
quando su manos de alzan hacia el cielo,
quando de pronto brinca y vaticina,
un ambiguo claror empañá los cristales,
una lluvia indecisa retorna hacia lo alto.

Quando el caballo sabe,
quando el jinete escucha,
declina el sacerdote sus trofeos.

Quando el caballo habla,
pone el hombre pie em tierra,
medita em sus ancestros,
se prepara.



A FONTE

É pálida, violácea, transparente,
é rubra mas verde,
é azul mas emana rupturas de desejo.

É única talvez,
ou é múltipla, incorpórea.

Não é ausência nem olvido,
e espreita de longe, de perto,
de dentro do naufrago e seu traje.

É o centro sem centro da dor,
a fonte inexplicável dos dias que passam.

(La casa y otras visiones, 1995)

LA FUENTE

Es pálida, violácea, transparente,
es roja pero es verde,
es azul pero emana rupturas del deseo.

Es única tal vez,
o es múltiple, incorpórea.

No es ausencia ni olvido,
y acecha desde lejos, desde cerca,
desde dentro del naufrago y su traje.

Es el centro sin centro del dolor,
la fuente inexplicable de los días que pasan.

CANCUN

A água em flor exhibe seus rinchos,
seus cristais,
esmeraldas, turquesas, frutos brancos.

A areia, igualitária, isola suas dádivas.
O sol preside a injustiça.

(La casa y otras visiones, 1995)

CANCÚN

El agua em flor exhibe sus relinchos,
sus cristales,
esmeraldas, turquesas, frutos blancos.

La arena igualitaria discrimina sus dones.
El Sol preside la injusticia.

A casa-biblioteca

A professora da Universidade Federal do Paraná Sandra M. Stroparo mostra seu acervo de 7 mil livros, que está distribuído por quase todos os cômodos de seu apartamento

LUIZ REBINSKI

Fotos Kraw Penas



A professora e tradutora Sandra M. Stroparo tem a vida pautada pelos livros. Além dos títulos que a auxiliam em seu trabalho na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde leciona desde 1998 no curso de Letras, há livros sobre os mais diversos assuntos em sua biblioteca (de guias culinários a tratados sobre o ioiô).

Casada com o também tradutor e professor Caetano W. Galindo, eles “juntaram as bibliotecas” em 2003, o que resultou em um acervo que hoje é de aproximadamente 7 mil livros. Para guardar tudo, o casal transformou o apartamento em que vivem no bairro Alto da XV, em Curitiba, em uma grande biblioteca. Não há um cômodo reservado aos livros. Eles estão distribuídos pela casa toda. Só não há prateleiras no banheiro. Apesar da quantidade, tudo está em seu devido lugar. Não há pilhas de livros pelos móveis, por exemplo.

O acúmulo de volumes e a falta de espaço obriga Sandra a fazer doações de tempos em tempos. Só no último semestre, foram mais de 500 títulos, em geral direcionados a alunos da UFPR. “Infelizmente já não há mais espaço, mas é difícil parar de comprar. Nos últimos anos, no entanto, tenho adquirido também muitos livros digitais.”

Em 2012 Sandra concluiu doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O tema era o poeta francês Stéphane Mallarmé (1842-1898) e parte do trabalho consistia em traduzir trechos da correspondência do autor, que foi publicada na França entre 1959 e 1985. Para conseguir os 11 volumes com as missivas do escritor, a tradutora mobilizou livreiros e amigos de diversas partes do mundo, como Canadá e Austrália. “No Brasil,

não conheço nenhuma biblioteca, privada ou pública, que tenha essa coleção”, diz.

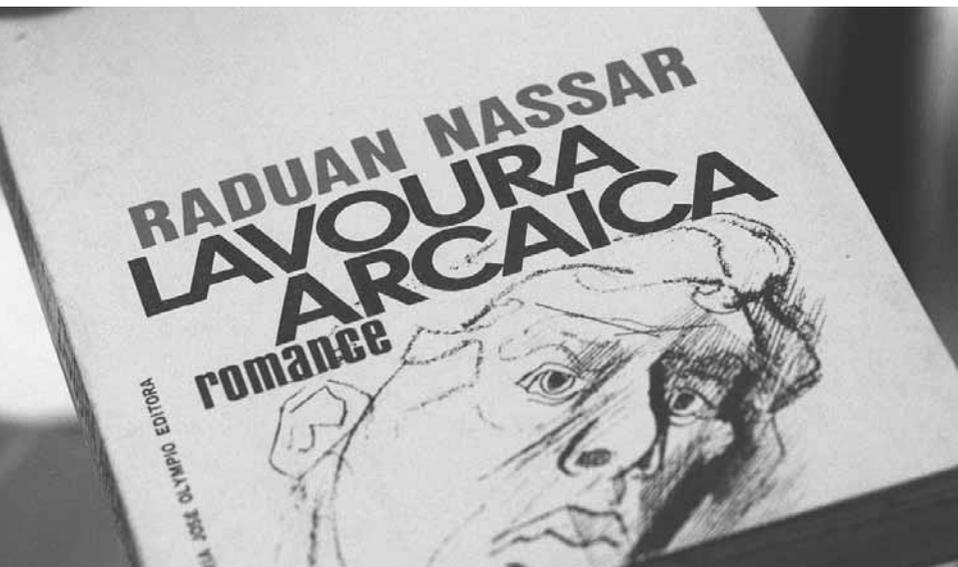
Aliás, Mallarmé faz parte do “pacote moderno” de poetas franceses da segunda metade do século XIX que Sandra aprecia muito. Uma das estantes de sua biblioteca é repleta de obras, no original, de autores como Charles Baudelaire, Paul Valéry e Arthur Rimbaud, entre outros.

Mas o acervo vai muito além do interesse profissional da tradutora. Há muitos livros sobre história da arte, literatura brasileira (em especial de poesia) e teoria da literatura. Uma biblioteca interessante e diversificada, que o **Cândido** mostra a seguir.



NA BIBLIOTECA DE SANDRA M. STROPARO

Fotos Kraw Penas

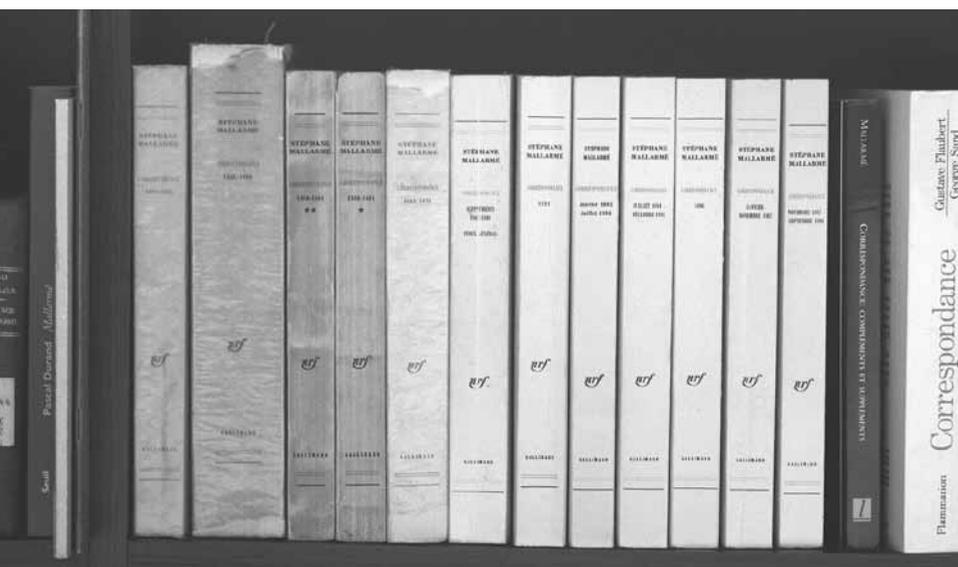


Cinemateca (2008), de Eucanaã Ferraz

“O Eucanaã recupera e dá nova cara à nossa tradição poética. Algumas pessoas o criticam por isso, mas ele não está preso ao passado, pelo contrário, consegue um resultado interessantíssimo por meio do lirismo.”

Stéphane Mallarmé, Correspondance (1959-1985), 11 Volumes

“Mallarmé morreu em 1898 e até 1959, quando suas cartas começaram a ser publicadas, a recepção crítica de sua obra foi tortuosa. A correspondência do autor também é importante para entender vários aspectos de sua produção, que foi essencial para o nascimento da poesia moderna.”



A história da arte (1950), de E. H. Gombrich

“Já dei aulas sobre história da arte e essa é uma área que me interessa muito. O livro do Gombrich é uma referência que sempre indico aos meus alunos. É um ótimo resumo dos movimentos artísticos através dos séculos.”

Lavoura arcaica (1975), de Raduan Nassar

“Tenho vários livros em primeira edição que comprei em um sebo. Os títulos eram do crítico Temístocles Linhares. Entre eles está *Lavoura arcaica*. É interessante notar, comparando com as edições mais recentes, como o escritor mudou frases e palavras. Esta edição também traz uma posfácio em que Raduan fala das referências que aparecem na obra.”



O Vampiro de Curitiba (1964/1965), de Dalton Trevisan

Lançado “oficialmente” em 1965 pela editora José Olympio, o livro mais famoso de Dalton Trevisan teve outra versão, feita e distribuída pelo próprio autor, um ano antes do lançamento nacional. Sandra conseguiu seu exemplar em um sebo de Curitiba.



Tratado dos anjos afogados (2008), de Marcelo Ariel

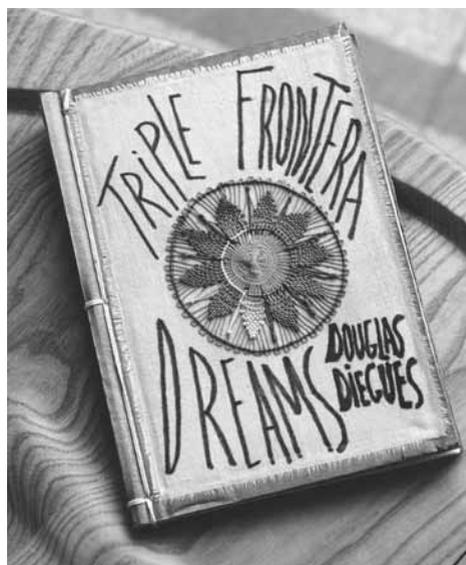
“O Marcelo Ariel vive na periferia de São Paulo e é sobre os problemas de uma grande metrópole que trata sua poesia. Ou seja, fala de realidades que não cabem no mundo. E o que impressiona também é que ele tem uma enorme leitura da tradição poética.”

Poesia e prosa (1973), de Carlos Drummond de Andrade

“Ganhei esse livro de aniversário da minha mãe quando ainda estava na graduação. Drummond é um dos meus poetas preferidos. Acho-o fundamental para entender o século XX. Ele é o melhor resultado de nossa poesia. Tenho uma edição igual, da editora José Aguilar, com a poesia do João Cabral de Melo Neto.”

Poésies et un poème (1947), de Stephane Mallarmé

“Esse é o primeiro livro do Mallarmé publicado no Brasil. Mas não se trata de uma tradução. Os poemas estão em francês. O livro foi feito por uma editora brasileira, mas impresso em Roma, na Itália. Foi com esse título que os poetas concretos – os irmãos Campos e Décio Pignatari – conheceram o poeta francês. A partir daí começaram a disseminar a obra de Mallarmé no Brasil.”





chovem
no
deserto
o
oasis
a
miragem
chapéu
de
água
chapéu
de
gelo
chapéu
de
vento
chapéu
de chuva
que
voa
ao
vento
vem
a
chuva
chove
chove
chove
chove
chove
chuva

de
vento
chove
gente
chove
um
ao
o
da
o
do
chove
chove
chove
chove
chove
chove
chove
palavra

chove
canivetes
cisco
vento
serpente
vidente
sòmente
lágrima
amor
verso
guarda
chuva

brilha
o
na
da
no
ar
sol
e
chuva
no
olho
do
céu
or
va
lho
ponto
de
luz
vento
leva
leva
nuvem
papel
nuvem
escura
nuvem
clara
cara

de
dragão
muda
vira
gente
muda
vira
cara
de
leão
cada
gota
cada
uma
uma
vida
cada
ponto
um
mundo
chove
mesmo
sem
parar
chove
tudo
sem
chorar
(rio, 1973).

 **Xico Chaves** é letrista, poeta e artista plástico. Tem mais de 200 músicas gravadas por vários artistas da MPB, entre os quais Nara Leão, Jards Macalé, Caetano Veloso, Vinícius Cantuária, Roberto Menescal e Elba Ramalho. Chaves participou da Geração Mimeógrafo. Entre seus livros, destacam-se *Pássaro verde* (1967), *Pipa* (1976), *Purpurina* (1977), *Urucumfumaça* (1979) e *Poeta clandestino* (1986). Vive no Rio de Janeiro (RJ).

CLIQUESES

EM CURITIBA



 O paranaense **Henry Milléo** começou a fotografar com 17 anos e atua há mais de duas décadas como fotojornalista. Atualmente integra a equipe de repórteres fotográficos do jornal *Gazeta do Povo*. Entre seus trabalhos autorais, destaca-se a série que Milléo chama de “fotografia do ordinário”, em que retrata cidades e cidadãos comuns, buscando “histórias que precisam ser contadas”. Para realizar o ensaio “Sineiros”, publicado pelo **Cândido**, o fotógrafo acompanhou, durante três anos, a celebração de Corpus Christi e o trabalho dos garotos que tocam os sinos da Catedral de Curitiba.



Percurso recriado pela palavra escrita

Inicialmente apenas representados em obras de prosa e de poesia, os afro-brasileiros passaram a escrever, a publicar e se afirmam, cada vez mais, na literatura brasileira e no imaginário cultural do país

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Morena Madureira



O mineiro Ricardo Aleixo não se considera um poeta negro. “Esse rótulo é limitante. Sou, mais do que tudo, um poeta”, diz.

Impossível como nunca ter tido um rosto, o próximo, e o nono, livro de Ricardo Aleixo, reúne poemas escritos entre 2012 e 2015, entre os quais, “Na noite calunga do bairro Cabula”. O texto poético surgiu após o poeta mineiro receber a notícia do assassinato de 13 jovens negros na periferia de Salvador, na noite de 6 de fevereiro deste ano. O poema começa assim: “Morri quantas vezes na noite mais longa?/ Na noite imóvel, a mais longa e espessa, morri quantas vezes na noite calunga?/ A noite não passa e eu dentro dela morrendo de novo sem nome e de novo morrendo a cada outro rombo aberto na musculatura do que um dia eu fui./ Morri quantas vezes na noite mais rubra?”

Apesar das origens, de todo um percurso artístico que inclui críticas ao racismo e diálogo com o legado cultural africano, Aleixo, 55 anos, não se considera um poeta negro. “Esse rótulo é limitante e eu quero expandir ao máximo a minha atuação, quero a liberdade. Sou, mais do que tudo, um poeta”, diz o artista mineiro, comentando que,



Divulgação

ao assumir a postura, amigos, colegas e militantes de movimentos negros romperam relações com ele.

Aleixo, que nasceu e vive em Belo Horizonte, participa de eventos culturais no Brasil em outros países. Já esteve em território alemão, em Berlim e em Frankfurt, na Espanha e no México. Em geral, é convidado para realizar performances. Ele se autodenomina um performer e explica o motivo: “Meus textos poético são vocalizados em voz alta. Há casos em que a musicalidade é tanta que agencio o corpo, o gesto e a dança e, então, estou diante de algo que requer, mais do que uma leitura, uma performance.”

Dialogando com os dadaístas e com os concretistas, produziu os primeiros poemas autorais aos 17 anos e comenta que nem nos delírios juvenis cogitou que teria o atual reconhecimento: “O meu círculo de atuação é restrito, mas tenho alguma visibilidade.” Prefere, porém, não expor as dificuldades que enfrenta desde o início do seu percurso artístico. “Era ingênuo,

O gaúcho Ronald Augusto lembra que alguns autores negros, como Machado de Assis e Cruz e Souza, se afirmaram como artistas apesar do preconceito e de outras barreiras sociais.

por exemplo, em relação ao racismo. Se alguém dissesse que eu não poderia fazer poemas, eu daria risada. Afinal, tinha tudo em casa: papel, caneta, máquina de escrever, memória, corpo e voz”, comenta, completando, sem entrar em detalhes, que “nem tudo é tranquilo.”

Um espelho do mundo

O meio literário é — em certa medida — a representação, embora com suas singularidades, das imposturas e imposições raciais e econômicas da sociedade. A afirmação é de Ronald Augusto, autor entre outros, dos livros *Cair de costas* (2012), *Empresto do visitante* (2013) e *Nem raro nem claro* (2015).

“Minha experiência como poeta e escritor negro em Porto Alegre me ensinou a reconhecer a existência de um desconforto mútuo, isto é, às vezes represento o outro, o estranho e, de outra parte, os demais escritores, que deveriam ser aquilo que chamamos ‘os [meus] iguais’, formam um grupo com o qual não alcanço ou nem quero alcançar a menor identificação”, diz.

Felizmente, acrescenta Augusto, a literatura brasileira tem uma série de artistas que, para ele, servem de paradigma tanto porque afrontaram, quanto porque se afirmaram apesar desse estado de coisas: Machado de Assis, Cruz de Sousa e Oliveira Silveira —

ambos negros. “Alguém argumentará que eles são exceções que confirmam a regra, mas, lembrando Jean-Luc Godard, digo que o cânone, o convencional, é a regra, e a arte é exceção — mesmo”, argumenta o poeta gaúcho.

Esse fosso, literal e real, que separa autores brancos e negros, mencionado por Ronald Augusto, tem comprovação científica. A professora da Universidade de Brasília (UnB) Regina Dalcastagnè coordena o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea que, numa pesquisa envolvendo 700 romances brasileiros, apontou que 96% dos autores são brancos — foram consultadas longas narrativas ficcionais publicadas em 3 períodos, de 1965 até 1979, entre 1990 e 2004 e, finalmente, de 2005 a 2014.

“Talvez, no caso da criação artística, fosse diferente, mas a literatura espelha o preconceito social e torna a questão ainda mais visível”, observa Regina. E, ela acrescenta, uma vez que os escritores, em geral, escrevem a respeito daquilo que conhecem, “o fato de

“EM EVENTO LITERÁRIO NÃO HÁ NEGROS”

“Os negros não conseguem visibilidade no Brasil”, afirma Paulo Lins. Dezoito anos após o lançamento do romance *Cidade de Deus* (1997), o carioca nascido no bairro Estácio de Sá vive em São Paulo e, apesar de ter conquistado uma situação financeira mais confortável, ainda identifica uma mesma realidade social: “Em evento literário, congressos médicos ou encontros de dentistas não há negros. Você só encontra negro nas camadas mais baixas da sociedade.”

Ele é convidado para bate-papos e mesas em encontros ligados ao universo dos livros, acompanha a produção dos escritores contemporâneos, entre os quais destaca Ferréz, Ana Paula Maia, Milton Hatoum e Daniel Munduruku. “A literatura brasileira vai bem, obrigado.” No entanto, elogia — mais do que qualquer outra obra contemporânea — o romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. “É uma obra-prima, um livro tão bom e complexo quanto *Grande sertão: veredas*, do Guimarães Rosa.”

Colaborador de roteiro da novela *I love Paraisópolis*, da TV Globo, Lins diz estar, já faz alguns anos, “muito” interessado em audiovisual — escreveu roteiro para televisão e para cinema, entre os quais *Quase dois irmãos* (2004), filme de Lúcia Murat — prêmio de melhor roteiro da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), em 2005.



Reprodução

haver poucos autores negros publicando romance — o gênero com mais prestígio no país — se reflete em poucos personagens negros na ficção brasileira”.

Entre os 4% de autores negros apontados pela pesquisa da UnB, há pelo menos duas vozes literárias com ressonância. Uma delas é a da mineira Conceição Evaristo, autora, entre outros títulos, de dois romances a respeito da identidade negra, *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006).

O outro destaque é o carioca Paulo Lins, autor de *Cidade de Deus* (1997), romance sobre as transformações de um conjunto habitacional do Rio de Janeiro, e em alguma medida do próprio Brasil, sobretudo pelo impacto do narcotráfico. Adaptado para o cinema em 2003 por Fernando Meirelles — o longa-metragem homônimo conquistou prêmios em diversos países e foi indicado ao Oscar em quatro categorias. Em 2012, Lins lançou o seu segundo romance, *Desde que o samba é samba* [Leia mais sobre no autor no BOX ao lado].

No gueto e fora dele

Desde 2006, o curitibano Celio Jamaica, 38 anos, escreve poemas, crônicas e contos, como ele mesmo diz, levando em consideração temas universais. “Posto logo existo”, conto publicado na antologia *Flupp Brasil: novos autores* (2014), é um exemplo: o texto de ficção dialoga com a realidade contemporânea, num contexto em que as redes sociais são onipresentes:

“Hoje pela manhã fui conferir a minha pontuação no Lulu. Fiquei preocupado, pois não havia nenhum comentário e a frase matinal que havia postado no Facebook tinha recebido apenas três curtidas.”

Anteriormente, Jamaica era mais engajado na causa negra. Não que tenha deixado de problematizar, por meio da palavra falada e escrita, questões relacionadas, por exemplo, à violência e racismo. “É que os textos universais podem atingir mais pessoas e são uma ‘porta de entrada’ para, em um segundo momento, eu falar de temas como direitos humanos”, afirma.

Jamaica participa de saraus realizados em bairros da periferia de Curitiba e em cidades da Região Metropolitana, inclusive em ocupações. Nesses encontros, ele diz que dezenas de jovens negros declamam textos e, na maior parte do caso, a temática — da chamada literatura hiphopiana — é quase a mesma: famílias desestruturadas, falta de educação, comida e oportunidade, entre outros problemas.

Já o paulistano Allan da Rosa, 39 anos, acredita que dialogar apenas com a “militância” pode ser uma ação de pouco impacto e ressonância limitada. “Além disso, a literatura tem de ser imprevisível

e deve ir além do discurso, do questionamento de valores e, por exemplo, da exigência de cotas. Gosto da beleza e da plástica do texto”, comenta o autor, entre outros, dos livros *Vão* (2005), *Morada* (2007) e *Da cabula* (2008).

Entre 2005 e 2009, Rosa esteve à frente da Edições Toró, selo independente que viabilizou obras para 20 escritores e poetas, sobretudo, das periferias paulistanas. Ele chama atenção para o fato de que, cada vez mais, autoras e autores negros escrevem e publicam prosa e poesia no Brasil. “Acontece que o sistema cultural é excludente e apenas alguns autores são badalados.

“A literatura espelha o preconceito social e torna a questão ainda mais visível”,

Regina Dalcastagnè



Kristiane Foltran

O curitibano Celio Jamaica se vale de textos mais universais para, em um segundo momento, discutir questões urgentes para ele, como direitos humanos.



Reprodução

O paulistano Allan da Rosa comenta que autoras e autores negros escrevem e publicam, cada vez mais, prosa e poesia no Brasil.

Reprodução



Luiz Gama é considerado o primeiro autor brasileiro a dar voz ao personagem negro que assumirá, no poema, a primeira pessoa do discurso.

E tem mais: não basta publicar. O livro precisa entrar em circulação, ser lido, discutido e o sujeito tem de participar do circuito literário, muitas vezes conquistar prêmios, para ser reconhecido como escritor”, completa.

Eu enunciador

O negro está recriado em prosa e poesia desde o início da literatura brasileira, por exemplo, nos poemas de Gregório de Matos Guerra e, posteriormente, nas obras dos autores do Romantismo e do Realismo. “Mas os negros aparecem quase que confundidos com os móveis e demais objetos da casa, pois, em geral, não têm voz na trama romanesca. Ocupam o lugar do subalterno, do escravo doméstico que

convive no âmbito familiar para servir a seus senhores”, explica a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Zilá Bernd.

Autora, entre outros, de *O que é negritude?* (1988), Zilá lembra que Castro Alves (1847-1871) é conhecido como o poeta abolicionista, apesar de que, em seus poemas, o negro ainda é retratado em terceira pessoa, ou seja, é aquele a respeito de quem se fala. A estudiosa cita outro autor, Luiz Gama (1830-1882), filho de escrava e pai branco, como o primeiro a dar voz ao personagem negro que assumirá, no poema, a primeira pessoa do discurso — assumindo a sua condição de negro. “Hoje reconhecemos sua força poética e o fato de ter sido uma espécie de precursor da

“Esse rótulo [poeta negro] é limitante e eu quero expandir ao máximo a minha atuação, quero a liberdade. Sou, mais do que tudo, um poeta”,

Ricardo Aleixo

TRÊS MESTRES

A convite do CÂNDIDO, a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Zilá Bernd comenta, brevemente, o legado de 3 autores negros, Cruz e Souza (1861-1898), Lima Barreto (1881-1922) e Machado de Assis (1839-1908):

Cruz e Sousa [imagem] foi equivocadamente lido, inclusive pela comunidade negra, como um autor deslumbrado com a cor branca. É que se só se liam seus poemas simbolistas, deixando-se de lado poemas em prosa como o “Emparedado”, texto profundamente empenhado na denúncia do racismo. Em relação a Lima Barreto, quanto mais se lê a sua obra mais se percebe sua necessidade de denunciar o cinismo do preconceito no Brasil que aceita o negro “desde que ele fique no seu lugar”. Isso é lindamente tematizado por ele no romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. Quanto a Machado de Assis, é preciso captar o simbolismo de sua crítica à hierarquização das classes sociais e a tendência a deixar os escravos e seus descendentes na periferia do sistema. Ao ler atentamente seus contos e crônicas encontramos exemplos eloquentes de sua crítica mordaz ao preconceito e ao apagamento da comunidade negra na sociedade brasileira.

Reprodução



negritude, deixando emergir em seus poemas o ‘eu que se quer negro’ e isso em pleno período escravocrata, portanto, anterior a Castro Alves”, afirma.

Zilá inciou o curso doutorado na Universidade de São Paulo (USP) na década de 1980. O objetivo de sua tese, defendida em 1987, era comparar a produção literária afro-brasileira com a poesia da negritude do caribe de língua francesa: “Meu ponto de partida foi uma dúvida. Se a música brasileira conta com a contribuição decisiva de compositores e letristas negros, por que essa contribuição [dos afro-brasileiros] é, aparentemente, pouco expressiva na literatura?”.

Em seguida, analisou as obras teóricas e críticas existentes e diz ter encontrado, em sua maioria, o esquema binário que

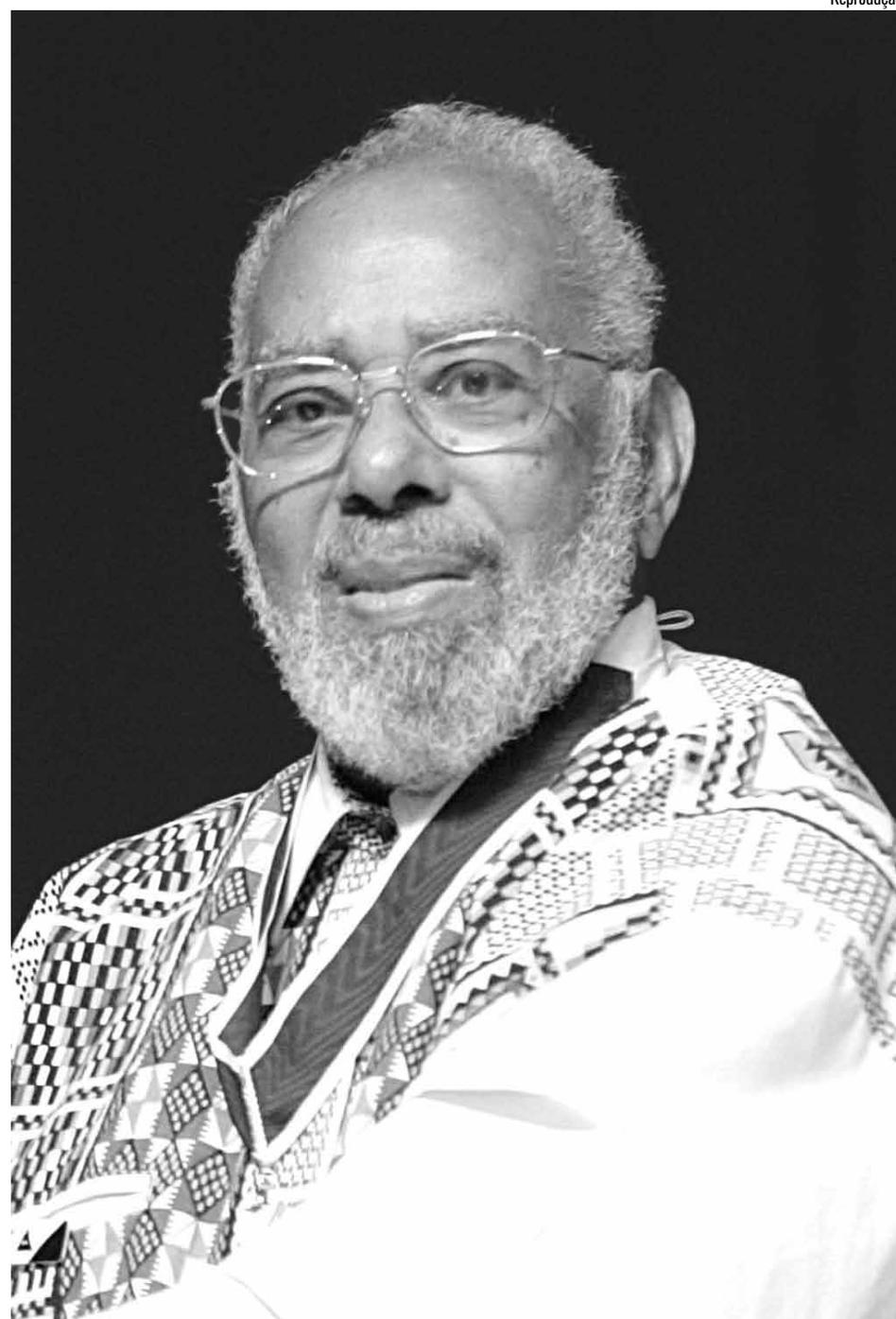
falava em produção literária de autores brancos e de autores negros. “Como acho os binarismos redutores e li praticamente toda a produção poética de 1960 até aquele momento [década de 1980], verifiquei que muitas vezes quando não havia uma foto do autor na capa eu não conseguia identificar se era obra de brancos ou de negros. Além disso, autores aparentemente brancos se identificavam como negros e vice-versa”, conta.

A especialista diz ter construído o conceito do “eu enunciador”: “Seria a emergência no texto ou poema de um eu enunciador que assume a identidade, a memória e os valores a comunidade afro, o diferencial que passaria a adotar para classificar como literatura afro-brasileira ou não.”

No entendimento de Zilá Bernd, o critério epidérmico, ou da cor da pele, leva a equívocos porque um autor negro não precisa necessariamente falar de negritude, enquanto um autor branco pode ter uma memória associada à cultura afro: “O critério textual, da recuperação de uma memória individual ou coletiva associada ao passado é mais rico, possibilitando descobertas ligadas a temas de uma comunidade que está reescrevendo o seu percurso por meio dos rastros memoriais. A literatura, talvez mais do que a História, pode reabilitar os apagamentos dessa história pontuada por sofrimentos e sacrifícios.” ■

Literatura afro-brasileira, configurações

O professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) **Eduardo de Assis Duarte** analisa a produção literária das autoras e dos autores negros no Brasil, dos mais antigos aos contemporâneos



Reprodução

Abdias do Nascimento é considerado um dos maiores pensadores e expoentes da cultura negra no Brasil e no mundo. Além de ter escrito uma série de livros sobre o assunto, fundou entidades pioneiras como o Teatro Experimental do Negro e o Museu da Arte Negra.

Na segunda metade do século XX, e mais fortemente a partir da década de 1970, a literatura brasileira exibe um quadro de progressivo esgotamento e superação do projeto modernista, em especial dos ímpetus de negação do passado e de celebração de uma brasilidade fundada na mestiçagem e representada a partir de uma visão distanciada do outro. Mais do que isto, salta aos olhos o vazio marcado pela ausência de um projeto unificador, que reúna as diferentes formas de expressão em torno, por exemplo, da afirmação de um espírito nacional uno no seio de uma cultura multifacetada.

Embora persistam em grande medida os valores estéticos consagrados no Ocidente e canonizados no “Alto Modernismo”, de que são exemplos Guimarães Rosa e Clarice Lispector; ou o que Flora Sussekind classifica como “escrita do eu” — a marcar a poesia dos remanescentes da “geração mimeógrafo”; ou, ainda, textos que buscam “narrar a nação”, como o *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro, é patente a inexistência do clima de movimento e, mesmo, de geração, que marcou a recepção entre nós dos caminhos apontados pelas vanguardas históricas do século XX.

Resulta daí o quadro em que sobressaem a diversidade de projetos e a busca de afirmação de parcelas minoritárias perante o poder cultural. Cabe então ressaltar iniciativas oriundas de segmentos marginalizados, em que o sentimento de *comunidade* se sobrepõe ao de *nacionalidade*. Nesse contexto, ganha corpo a produção literária dos afrodescendentes.

A partir da década de 1970, escritores negros se organizam em coletivos, a exemplo dos grupos GENS, na Bahia,

Negrícia, no Rio de Janeiro, Palmares, em Porto Alegre e Quilombhoje, em São Paulo. Buscam a construção de uma literatura empenhada no combate ao racismo e na afirmação dos valores culturais desse segmento historicamente excluído da cidadania. Em 1978, tem início a série *Cadernos Negros*, com a publicação anual (e até hoje ininterrupta) de um volume coletivo, ora de ficção, ora de poesia. E surgem nomes como os de Cuti (Luiz Silva) e Conceição Evaristo, em meio a dezenas de outros, com uma produção vigorosa que vem se juntar a trabalhos como os de Lino Guedes, Carlos de Assumpção, Solano Trindade, Abdias Nascimento, Oswaldo de Camargo, Joel Rufino dos Santos, Nei Lopes, Muniz Sodré e tantos mais.

Tais autores têm como referência a herança da literatura da diáspora negra, cujo início, enquanto movimento, se dá com a *Harlem Renaissance* estadunidense, na década de 1920, para chegar ao *Negrismo* e ao *Indigenismo* dos países caribenhos e à França da *Négritude*, na década seguinte. Este legado passa a “enegrecer” a escritura de inúmeros remanescentes da escravidão em diversos países, inclusive no Brasil, com o início das atividades do TEN — Teatro Experimental do Negro, em 1944. A estes, soma-se o repertório de inúmeros precursores que, desde o século XVIII, colocaram em letra impressa seus versos e narrativas, de modo a inscrever o ponto de vista interno ao *existir negro* e a suas formas de expressão. Emerge então a memória marcada por séculos de desumanização e rebaixamento a mera força de trabalho, tudo isto respaldado por uma ampla cadeia discursiva que abarcava tanto o discurso filosófico (Hegel) quanto o científico (Gobineau, Taine, entre outros), e terminava por naturalizar a inferioridade e a exclusão.



A relação da obra de Machado de Assis com o tema racial é controversa. Mas o pensador Octávio Ianni aponta-o, juntamente com Cruz e Sousa e Lima Barreto, como “fundador da literatura negra” no Brasil.

Percussores e Machado de Assis

Dentre os precursores, dois exemplos brasileiros surpreendem: a maranhense Maria Firmina dos Reis e o baiano radicado em São Paulo Luiz Gama. Firmina publica, em 1859, o romance *Úrsula*, primeira narrativa abolicionista de nossas letras, em que a África surge como espaço de civilização e o tráfico é inscrito como “barbárie” de origem branca e ocidental, a partir mesmo da descrição detalhada do porão onde era amontoadada a “mercadoria humana”. Já Luiz Gama traz a público, também em 1859, suas *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, em que não apenas se apresenta como “Orfeu de carapinha” e se refere respeitosamente à mulher negra, mas também se ocupa em satirizar

de modo impiedoso as elites escravocratas de seu tempo. Já prevendo para seus escritos o lugar marginal ocupado mais tarde por outros afrodescendentes, Gama afirma que seus textos se situam nas “abas do Parnaso.”

Todavia, nem todos os autores negros do passado explicitam o ponto de vista afro-identificado, fato que remete ao contexto e ao público leitor de outras épocas, sobretudo do século XIX e de pelo menos metade do século XX. O próprio Machado de Assis se considerava um “caramujo” a dissimular sua *negrícia* perante o leitor branco de seu tempo. É um capoeirista da linguagem, como já afirmou Luiz Costa Lima. Por trás da aparente superficialidade de muitos de seus contos e romances, como *Helena*, está a crítica ao

discurso senhorial e à *branquitude* que busca naturalizar esse discurso como verdadeiro. Machado é um ancestral que deixou inúmeras lições. Tem razão Octávio Ianni quando, no ensaio “Literatura e consciência” (1988), aponta-o, juntamente com Cruz e Sousa e Lima Barreto, como “fundador da literatura negra” no Brasil, sendo, portanto, “clássico duas vezes”: da literatura brasileira e da literatura negra. Ousaria dizer que o considero três vezes clássico, pois o é também da literatura ocidental e, neste ponto, concordo com Harold Bloom.

O autor de *Dom Casmurro* é precursor da literatura afro-brasileira por diversas razões, conforme procurei demonstrar em *Machado de Assis afrodescendente* (2007). Ressalto apenas duas, a segunda decorrente da primeira: o ponto de vista afro-identificado, não branco e não racista, apesar de toda a discriminação e compostura do “caramujo”; e o fato de matar o senhor de escravos em seus romances, criando um universo ficcional que é alegoria do fim da escravidão e da decadência da classe que dela se beneficiou ao longo de nossa história.

Outro precursor é José do Nascimento Moraes. Em 1915, em pleno São Luiz do Maranhão dominado pelas oligarquias herdeiras do escravismo, ele publica o romance *Vencidos e degenerados*. O livro se inicia às 8 da manhã do dia 13 de maio de 1888, algo raro na ficção brasileira. Além de toda a agitação ali ocorrida, traz, quase como crônica histórica, as reações provocadas pela nova situação na subjetividade e no comportamento de antigos senhores e dos agora ex-escravos. E o leitor se depara com cenas de violência até então inéditas: negros que devolvem no rosto dos antigos senhores as bofetadas que sofriam diariamente; outros que apedrejam suas mansões; outros que deixam o jantar queimando no fogão... E há brancos revoltados que se

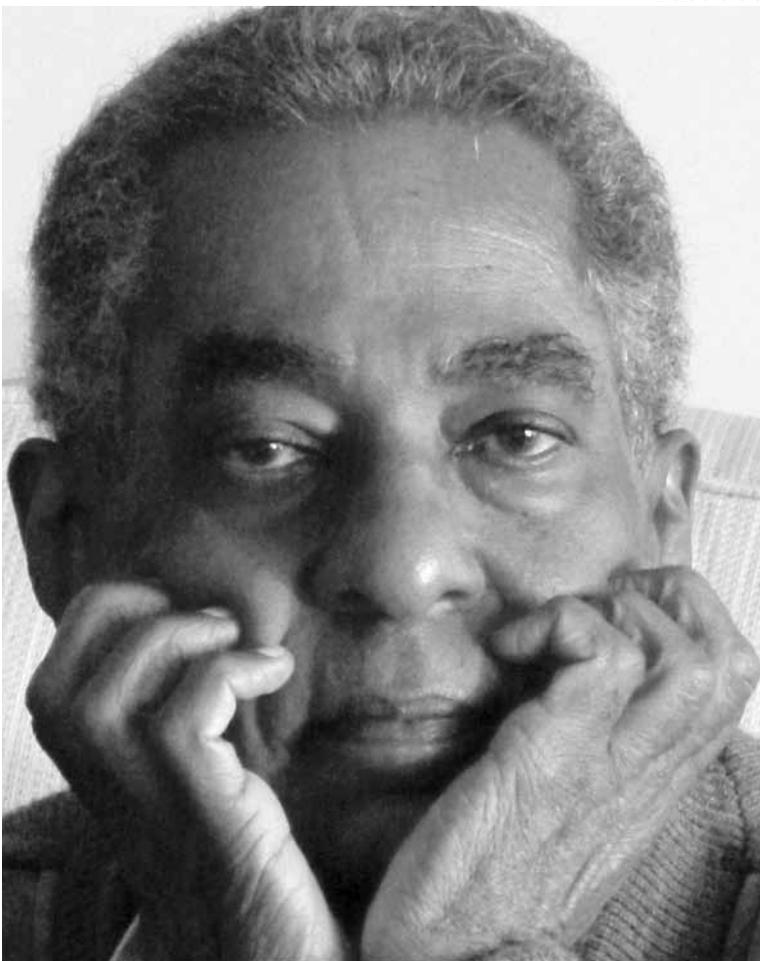
articulam para dar o troco, ou que, em desespero, se descontrolam. Nascimento Moraes traça um panorama realista do regime servil e de sua continuidade sob novas formas de exploração, respaldadas pelo racismo, tal como previsto por Machado de Assis. E, muito antes de Gilberto Freyre, desconstrói o 13 de maio enquanto *happy end* apaziguador e consagrador do mito da escravidão benigna.

Novos e novíssimas

A ficção mais recente reproduz estas linhas de força, em especial a recuperação crítica do passado, como em *O carro do êxito* (1972), *A descoberta do frio* (1979) ou *Oboé* (2014), de Oswaldo de Camargo; *Zumbi* (1980), *Crônica de indomáveis delírios* (1991) ou *Bichos da terra tão pequenos* (2010), de Joel Rufino dos Santos; *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da memória* (2006), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) ou *Olhos d'água* (2015), de Conceição Evaristo; *Vinte contos e uns trocados* (2006), *Mandingas da mulata velha na cidade nova* (2009), *Oiobomé* (2010) ou *Rio Negro, 50* (2015), de Nei Lopes; *Santugri* (1988) ou *A lei do santo* (2000), de Muniz Sodré; *Cidade de Deus* (1997) ou *Desde que o samba é samba* (2012), de Paulo Lins; além de *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, ganhador do Prêmio Casa de las Américas.

Em paralelo, persiste uma linhagem contundente sem se descuidar da leveza vinda do humor, a exemplo de *Contos crespos* (2009), de Cuti, ou *Mulher mat(r)iz* (2011), de Miriam Alves, ou *Só as mulheres sangram* (2011), de Lia Vieira. E não se pode esquecer a produção de jovens ficcionistas, como Cidinha da Silva, Allan da Rosa, Sacolinha, Lande Onawale, Fábio Mandingo ou Cristiane Sobral, todos com trabalhos de relevo, sobretudo no conto. E impõe-se mencionar ainda autores que optam por edições coletivas como *Cadernos Negros*, a exemplo de Márcio Barbosa e vários outros.

Evandro Teixeira



Autor de uma obra vasta, Joel Rufino dos Santos ganhou o Prêmio Jabuti em duas oportunidades: em 1979, com *Uma estranha aventura em Talalaie*; e 2008, com *O barbeiro e o judeu da prestação contra o Sargento da Motocicleta*.

Já na poesia, pode-se destacar, de início, as coletâneas *Obra reunida* (2012), de Oliveira Silveira e *A cor da palavra* (2009), de Salgado Maranhão. Além dessas, *Um homem tenta ser anjo* (1959), *15 poemas negros* (1961) e *O estranho* (1984), de Oswald de Camargo; *A cor da pele* (1980) e *Texturaafro* (1992), de Adão Ventura; *Plano de voo* (1984) e *Todo o fogo da luta* (1989), de Paulo Collina; *Zeozório blues* (2002) e *As coisas arcas* (2003), de Edimilson de Almeida Pereira; *A cor da demanda* (1997) e *Tudo o que está solto* (2010), de Éle Semog; *Sanga*, (2002), *Negroesia* (2007) e *Kizomba de vento e nuvem* (2013), de Cuti; *Estrelas no dedo* (1985), de Miriam Alves; *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), de Conceição Evaristo; e *Não vou mais lavar os pratos* (2010), de Cristiane Sobral, entre outros. São formulações poéticas que expressam de diversas formas a identidade do negro, mulher ou homem, revisitam a história, celebram os ancestrais e as divindades dos cultos afro, ou denunciam, às vezes de forma explicitamente militante, a discriminação contemporânea. Mas que tratam também de tópicos mais universais, situando-os em nova perspectiva, a exemplo do erotismo.

Os nomes e textos acima arrolados são apenas parte do conjunto presente na antologia *Literatura e afrodescendência no Brasil* (2011, 4 volumes), que traz um conjunto de cem escritoras e escritores, a maioria ausente da história de nossa literatura. Cada autor é contemplado com um artigo crítico contendo dados biobibliográficos, apresentação geral da obra, fontes de consulta, e ainda um conjunto de textos representativos. É um formato voltado para a divulgação e o estudo introdutório destes autores, resgatando muitos deles do esquecimento.

Noutra frente de atuação, nosso projeto mantém na internet o literafro —

Portal da literatura afro-brasileira, considerável arquivo de livre acesso através do endereço www.letras.ufmg.br/literafro. Até o momento, o portal contém: dados biográficos de 120 autores; relação de aproximadamente 2.500 obras publicadas, entre livros e textos em antologias; indicação de mais de 1.000 fontes de consulta sobre os autores; conexão imediata com centenas de endereços digitais com informações sobre as obras relacionadas; mais de 200 artigos críticos sobre as obras elencadas no portal, acrescidos de ensaios teóricos e resenhas de obras recentes. E ainda centenas de textos, entre poemas, contos, crônicas e excertos de romances, disponibilizados gratuitamente. Além disso, o projeto publica a *newsletter* literafro novidades, de periodicidade bimensal, com informações e resenhas de lançamentos, divulgada por e-mail e facebook para leitores do país e do exterior.

Hoje, no meio acadêmico, a literatura afro-brasileira é um conceito em construção, isto é, em discussão. Quando acrescentado ao texto do escritor negro, o suplemento “afro” ganha densidade crítica a partir da existência de um ponto de vista específico a conduzir a abordagem da questão, seja na poesia ou na ficção. Tal perspectiva permite elaborar o tema de modo distinto daquele predominante na literatura canônica. Por outro lado, ao verificarmos o volume de textos acumulados todo este tempo, não há como duvidar da existência desta vertente de nossas letras, ao mesmo tempo *dentro e fora* da literatura brasileira, como preconiza Octávio Ianni no ensaio “Literatura e consciência”. Fruto de uma articulação contemporânea e pós-nacional, o *veio afro* constitui um *suplemento* — algo a mais que chega para abalar a inteireza do todo, da suposta unicidade antes existente. ■

Reprodução



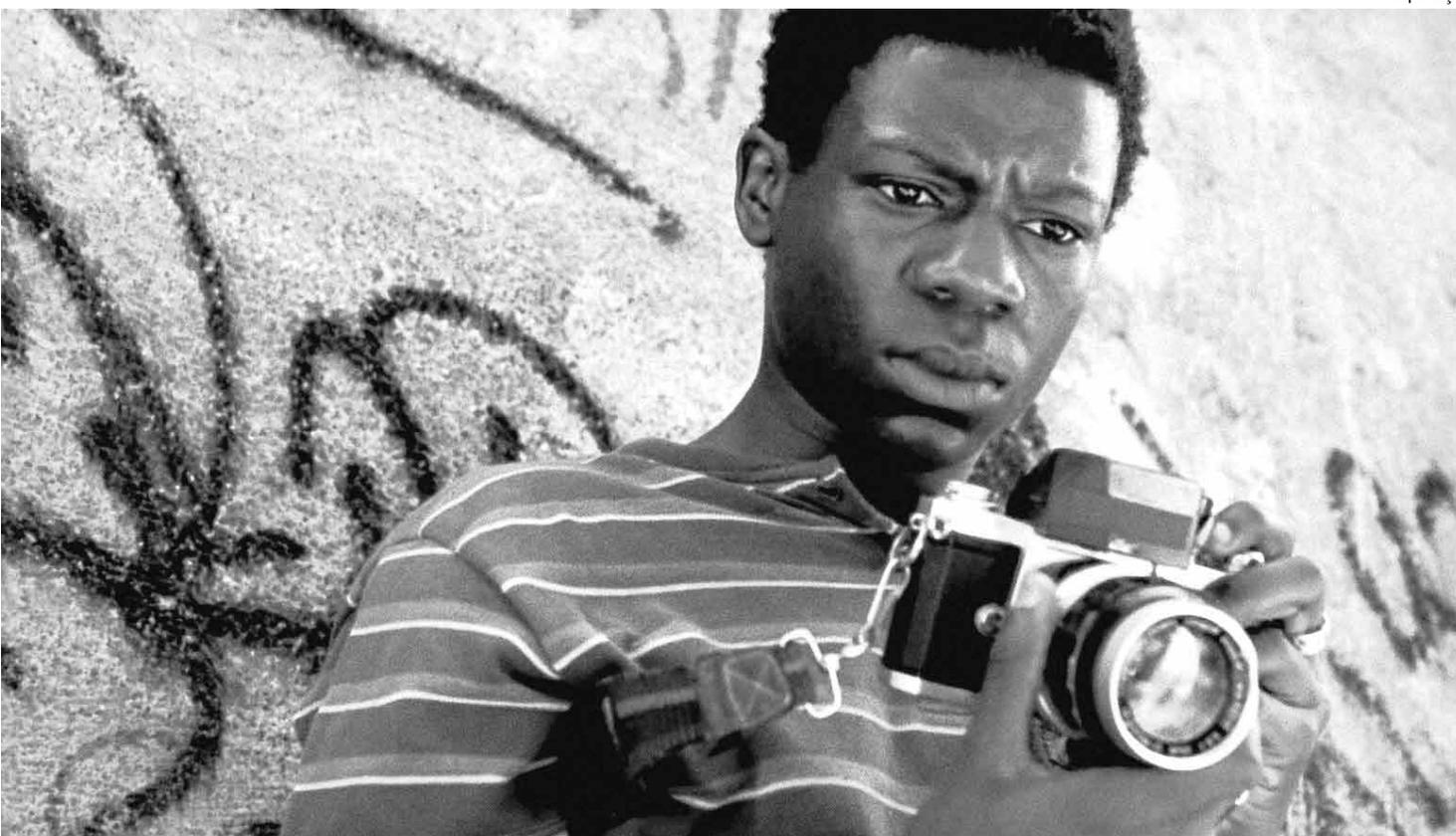
Ana Maria Gonçalves é autora do elogiado romance *Um defeito de cor* (2006), vencedor do Prêmio Casa de las Américas. O romance conta a história de uma africana idosa, cega e à beira da morte, que viaja da África para o Brasil em busca do filho perdido há décadas.

■ **Eduardo de Assis Duarte** é professor da Faculdade de Letras da UFMG, organizador de *Machado de Assis afrodescendente: escritos de caramujo* (2007), *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011, 4 vol.), *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI* (2014) e *Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula* (2014). Vive em Belo Horizonte (MG).

Presença restrita

O cineasta **Fernando Severo** traça um panorama das obras de escritores negros brasileiros que foram adaptadas para o cinema

Reprodução



Cidade de Deus, de Fernando Meirelles, é o maior sucesso do cinema brasileiro contemporâneo no exterior. O filme é uma adaptação do livro homônimo de Paulo Lins.

Se é escasso o número de escritores afrodescendentes de destaque na literatura brasileira, menor ainda é o número daqueles cuja obra chegou às nossas telas. Para dar alguma relevância numérica a esse fator, é necessário que se inclua entre eles os autores cuja ascendência negra foi omitida, obscurecida ou minimizada anos a fio, como é o caso de Machado de Assis e Mário de Andrade. Neto de escravos por parte de pai e mãe, Lima Barreto construiu sua obra em meio a

um enorme preconceito racial e social, tão intenso como o que se abateu sobre Cruz e Souza. Único autor contemporâneo incluído nessa restrita lista, Paulo Lins desfruta notoriedade principalmente por ter escrito *Cidade de Deus* — o maior sucesso do cinema brasileiro contemporâneo no exterior — do que por toda sua obra como escritor.

Uma questão essencial nesse panorama é o fato de que nenhum filme adaptado a partir de obras dos escritores citados foi dirigido por cineastas

afrodescendentes. Também em pequeno número na cinematografia brasileira, nenhum desses realizadores conseguiu criar quantidade expressiva de filmes ou deixar marcas impactantes na história do cinema brasileiro. Evidentemente, essa presença desproporcional da cultura negra na literatura e no cinema brasileiros reflete o racismo velado ou explícito que permeia nossa história e leva a acusações como as de que o meio acadêmico teria “embranquecido” Machado de Assis e Mário de Andrade para

torná-los aceitáveis como figuras luminárias da cultura nacional.

Dentro da restrita filmografia de longas-metragens realizados a partir de livros escritos por afrodescendentes, um dos filmes que mais se destacou por suas qualidades artísticas foi *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, que arrebatou 65 prêmios no exterior e foi indicado a quatro Oscars. O filme, no entanto, não foi uma unanimidade crítica no Brasil. Embora adaptado de um livro semi-autobiográfico de Paulo Lins, foi criticado por se valer de clichês na abordagem do modo de vida da população afrodescendente da periferia carioca. Foi alvo também de intensa polêmica quando a crítica e pesquisadora carioca Ivana Bentes cunhou a partir dele a expressão “cosmética da fome”, em contraposição à “estética da fome”, termo celebrizado em manifesto de Glauber Rocha. Foi questionado se Meirelles, cineasta branco, oriundo da classe média e publicitário, seria a pessoa mais adequada para tratar cinematograficamente as complexas relações de classe e de tensão racial que propõe a obra, e criticada sua espetacularização da violência e a associação automática entre negritude e marginalidade a que o filme pode induzir. Mais de dez anos depois de sua estreia a obra ainda suscita discussões acaloradas nas revisões históricas da crítica e em trabalhos de pesquisadores acadêmicos.

Joaquim Pedro de Andrade realizou um dos filmes mais emblemáticos do Cinema Novo a partir de *Macunaíma*,

de Mário de Andrade, marco da literatura modernista brasileira. Nascido negro em meio à selva, o personagem título se transforma em branco antes de suas aventuras na cidade, condição que no filme de Joaquim Pedro se mescla aos aspectos surrealistas e alegóricos pelo qual envereda essa adaptação. A questão racial não ocupa lugar de destaque na obra de Mário de Andrade e é inexistente em outro filme adaptado de um de seus livros, *Lição de amor*, de Eduardo Escorel, cuja trama se passa em meio à alta burguesia paulista e foi bem recebido pela crítica à época de seu lançamento.

Triste fim de Policarpo Quaresma, que no cinema foi rebatizado como *Policarpo Quaresma, herói do Brasil*, é a única obra de Lima Barreto adaptada para longa-metragem, com direção do cineasta carioca Paulo Thiago e resultados pouco memoráveis. Embora a questão racial seja abordada em outros dos seus livros, nenhum deles chegou ao cinema.

É natural que a reputação de Machado de Assis como o mais importante escritor brasileiro tenha originado muitas adaptações cinematográficas, tanto de seus principais romances quanto de alguns contos. O mais famoso deles, *Dom Casmurro* chegou aos cinemas no período do Cinema Novo em *Capitu*, de Paulo César Saraceni, e mais recentemente, em versão transposta para os dias atuais, em *Dom*, de Moacir Góes. Ambos foram impiedosamente criticados à época de seus lançamentos, alguns resenhistas destacaram considerar



Joaquim Pedro de Andrade realizou um dos filmes mais emblemáticos do Cinema Novo a partir de *Macunaíma*, obra de Mário de Andrade.

o livro não filmável sem perder suas principais qualidades literárias. Cineastas importantes como Nelson Pereira dos Santos, com *Azyllo muito louco*, Sérgio Bianchi, em *Quanto vale ou é por quilo?* e *A causa secreta*, Júlio Bressane, em *A erva do rato*, foram melhor sucedidos em suas incursões machadianas. Já *Quincas Borba*, de Roberto Santos, e *Brás Cubas*, de André Klotzel, dividiram opiniões.

Uma das mais importantes adaptações de um escritor negro brasileiro para o cinema é sem dúvida *Cruz e Souza — O poeta do desterro*, de Sylvio Back. O cineasta adota uma estrutura narrativa bastante original que ao mesmo

tempo dá conta de informar biograficamente a trajetória do maior poeta simbolista brasileiro e encontra equivalência poética de sua obra através do uso criativo da linguagem cinematográfica.

A imprevisibilidade inerente ao futuro não permite apontar se esse panorama vai ser alterado a partir das transformações sociais em curso no Brasil. Mas um olhar sobre as forças emergentes na literatura e no cinema brasileiros aponta para o surgimento de artistas afrodescendentes capacitados para dotar essas áreas de um protagonismo que a cultura negra já ocupa em nosso país no campo da cultura popular e da religiosidade. ■

Reprodução

Fernando Severo é cineasta e professor de cinema.

Dirigiu, entre outros filmes, o curta-metragem *Visionários* (2002) e o longa *Corpos celestes* (2009). Atualmente é diretor do Museu da Imagem e do Som do Paraná.

Laura Santos e a arte do incontrolável desejo

Pouco conhecida entre os leitores paranaenses, a poeta negra Laura Santos escreveu uma obra enxuta, em que a temática erótica se sobrepõe a questões como negritude

CLAUDECIR DE O. ROCHA

Conhecida por alguns poucos curitibanos, Laura Santos (1919-1981) talvez tenha sido a única poetisa negra de Curitiba dos anos 1950. Dona de uma linguagem sensível, Laura, a “pérola negra”, como ficou conhecida, fez uma poesia com alta carga erótica, elucidando o corpo como objeto da sua própria linguagem.

Influenciada pela estética parnasiano-simbolista, principalmente por Olavo Bilac, criou uma poética diferenciada e moderna, com traços biográficos, por meio dos quais elucidava a realização dos seus anseios, ao mesmo tempo em que expressava um desejo de transcendência.

Laura Santos nasceu em 1919 e estreou com um texto chamado “História da evolução da aviação”, em 1937 — premiado em concurso literário local. Diz a lenda que escreveu seu primeiro soneto aos 13 anos. Deixou três projetos de livros, todos finalizados em 1953: *Sangue tropical* (Prêmio Academia José de Alencar), *Poemas da noite e Desejo*.

Obras que seguem a mesma linha temática, mesma expressão, deixando a clara impressão de formar um livro só. Ela buscou expressar nesses poemas o próprio corpo, alternando entre versos livres e sonetos, influenciados por uma constante romântica que busca no simbolismo a transmigração da alma através do amor não correspondido.

Laura também foi uma das fundadoras da Academia José de Alencar, em Curitiba, e os seus textos foram

publicados na *Gazeta do Povo* e no *Diário da Tarde* até a década de 1980. Esse material nunca foi reunido em livro.

Independente, idealista e com uma personalidade forte e à frente do seu tempo, fez magistério e deu aulas de português e matemática. Também cursou enfermagem, porque queria participar da 2ª Guerra Mundial como enfermeira da Cruz Vermelha, sonho que não conseguiu realizar. Depois acabou trabalhando como educadora sanitária, cuja função era orientar a população sobre hábitos de higiene — exerceu este ofício até a aposentadoria. Morreu em 1981, totalmente ignorada pela imprensa local.

Obra misteriosa

Foi a sua mais conhecida amiga, a também poeta Helena Kolody, quem primeiro resgatou sua obra do esquecimento, em 1959, numa antologia conhecida como *Um século de poesia*, organizada pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura. Em 1985, Pompília Lopes dos Santos organizou uma nova antologia, chamada de *Sesquicentenário da poesia paranaense*, que trazia alguns poemas de Laura. Cinco anos depois, a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (Seec) publica *Poemas*, reunião dos 3 livros da autora.

No prefácio dessa antologia, Rosse Marye Bernardi, então professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), diz que os poemas de Laura “desvendam, num tênue fio biográfico, os sofrimentos de um corpo e de uma alma

exasperadamente feminina. É através do corpo que lhe chegam as sensações do mundo trazido como sentimento. É através do corpo que ela tenta se comunicar com o exterior, com o outro”.

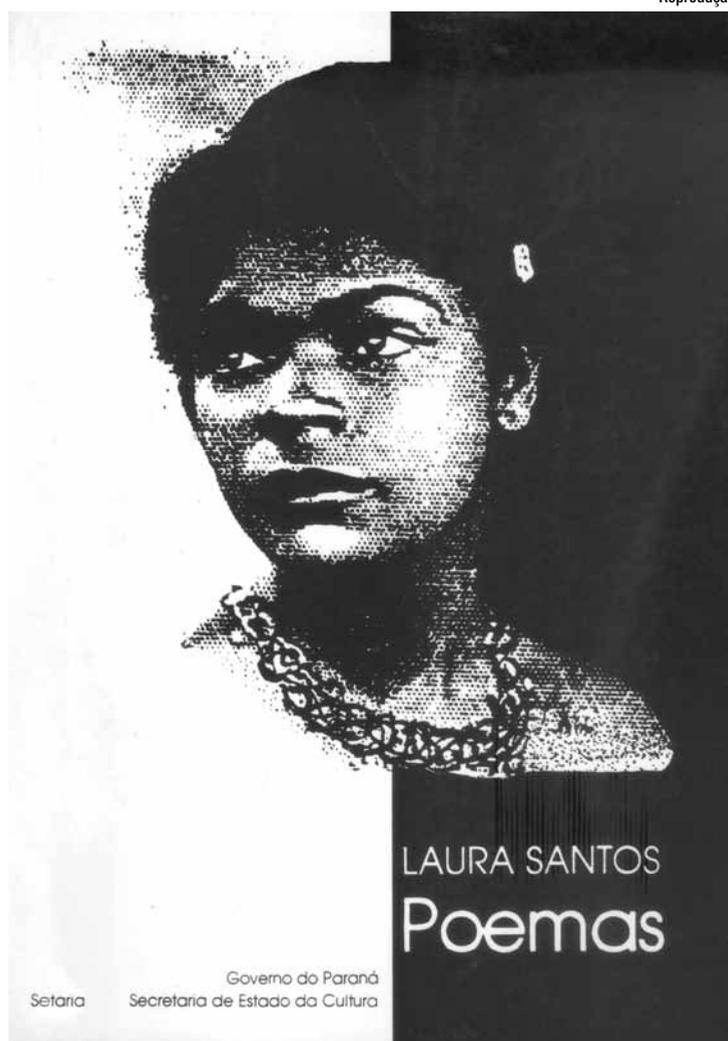
Seus poemas estão cheios de imagens eróticas que “são uma espécie de metáfora da sua relação básica com o mundo, relação que se traduz enquanto impossibilidade de amar, de viver plenamente, de ser feliz”, que faz ela obcecada pelo “desejo de libertação”, como comentou Rosse Marye.

O desejo de libertação é construído por meio de uma poesia que não encontra solução para seu amor porque, consciente de que ele não se realizará novamente, só lhe resta pensar na transcendência que contrasta com sua poesia carnal, de lábios, de coxas, de seios e de pele. E, assim, Laura busca no desejo sexual encontrar a si mesma — afinal, sozinha, no entanto, sente-se fria, incompleta, fraca nesse mundo de sensações e de belezas.

Diálogos, estilo e temas

A influência de Olavo Bilac parece ser pertinente, principalmente em relação à carnalidade que ela dá ao amor e ao desejo. Mas a expressão parnasiana se mistura com o desejo simbolista de transcendência da alma, por uma busca pela natureza primordial do amor. Entretanto, Laura Santos não deu o mesmo tom vulgar e artificial do erotismo bilaquiano com sua pomposa máquina

“Laura vai se debruçar em temas comuns, pois a maioria dos seus poemas falam sobre a saudade, o amor, o desejo e a natureza como parte de si.”



Nos anos 1980, a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná reuniu a obra poética de Laura Santos no volume *Poemas*.

de fazer versos, assim como seus diletos, que pareciam buscar “um academicismo epigônico com muita frequência temperado de anedótico e pelo emocional fácil”, para agradar “lavadeiras e condessas”, suas “Frineias e Messalinas da Rua da Quintanda”, conforme comenta Alexei Bueno no seu livro *Uma história da poesia brasileira*.

Seus versos são límpidos, assonantes e aliterados, revelando um erotismo mais sensual e panteísta, retomando certo modernismo simbolista de Cecília Meireles, a religiosidade sensual de Vinicius e algo da poesia corporal de Drummond.

Laura vai se debruçar em temas comuns, pois a maioria dos seus poemas falam sobre a saudade, o amor, o desejo e a natureza como parte de si. O amor atravessa seus versos, resultado de uma paixão desenfreada por alguém que a fez conhecer o amor, o sexo e depois a abandonou, trocando-a por outras mulheres. Esse dilema conjugal vai ser o mote dos seus poemas, que vão se tornar uma espécie de confidente das suas ilusões amorosas, buscando através do desejo constante de reviver esse amor perdido, de reencontrar o Don Juan.

Descomplexada socialmente

Laura Santos deixou, para seus interlocutores, a impressão de ter sido uma mulher batalhadora, que nunca reclamou de discriminação, nem da sua situação econômica porque, de certo modo,

não se conformou com o determinismo social e seguiu sua vida sem levantar bandeiras sociais, pois “não encontramos neles [nos seus versos] qualquer eco de negritude ou qualquer reivindicação feminista”, naquela Curitiba ainda provinciana dos anos 1950, diz Rosse Marye Bernardi.

Helena Kolody também comenta, em texto escrito, que “na obra de Laura Santos pode-se observar a inexistência de qualquer atitude complexada quanto à sua cor, porque sempre foi recebida em pé de igualdade por outros companheiros de arte e profissão”. Outro poeta que conheceu Laura, Tonicato Miranda, afirmou que ela era “sem complexos, inteligente, elemento positivo e querida nos ambientes onde convivia. Jamais queixara-se de discriminação ou de sua situação econômica difícil. Nunca se queixou das próprias dificuldades, que se presumia fossem muitas, dado que não conseguiu publicar sua obra em vida”.

Queria, antes, usar a poesia como instrumento de libertação e, diferentemente de poetisas como Gilka Machado, que usou erotismo para levantar a militância feminista, Laura Santos transformou suas perspectivas e desejos em poemas, nos quais não se restringiu em defesas ideológicas, mas que revelam a partir de uma linguagem simples e cotidiana o próprio corpo. Poemas que refletem suas angústias, seus medos, suas inquietações e a busca pela felicidade.

“A influência de Olavo Bilac parece ser pertinente, principalmente em relação à carnalidade que ela dá ao amor e ao desejo.”

Reprodução



LAURA SANTOS

Versão caseira que reúne os três breves livros que a poeta escreveu em 1953: *Sangue tropical*, *Poemas da noite* e *Desejo*.

Distante do clichê provinciano

Ela também se afasta da qualidade estética de poetisas de cidadezinhas do interior. Mesmo assim, muitos dos seus versos são extremamente piegas, quase de uma ingenuidade adolescente, mas a sua linguagem clara e simples, seu erotismo latente e desejo de sublimação lhe dão outro tom. Um tom límpido, quase natural, uma espécie de dança poética, na qual as palavras, como gestos, tentam traduzir os desejos do corpo e da alma, dizer o inefável. Nos seus poemas, Laura Santos parece retomar muitas das características do romantismo, nos quais vigora um dualismo entre o amor e o pecado, o pudor e o desejo, a carne e o espírito e, usando da expressão erótica, objetiva seu desejo de transcendência através do amor.

Contemporaneamente, enquanto ainda vigora uma crítica sociológica e anacrônica, se orientando em classificar obras de arte conforme o interesse de um determinado grupo social, buscando enfatizar aspectos, mesmo que secundários, para reafirmar uma posição ideológica, e assim acentuar políticas raciais e feministas, Laura não parece se preocupar com isso, deixando de lado o engajamento ideológico. Daí seu afastamento de qualquer antologia de literatura negra, porque, segundo algumas classificações, para ser um poeta da literatura negra, não basta ser negro, tem que defender sua raça nos poemas, como se toda obra de arte tivesse uma obrigação social e histórica de servir para um

determinado fim, como se as pessoas não sofressem os mesmos dilemas.

Laura, assim como muitos poetas, estava mais preocupada com a própria expressão poética, com o desejo latente de fazer arte, do que apenas ser defensora de ideologias como querem alguns críticos de tendência marxista. Sua poesia é feita de atitudes, na qual transparece a força da expressão e não usa do artifício para revelar essa intenção sentimental, mas da sinceridade que o erotismo possibilita.

Paulo Henriques Britto, no ensaio *É possível transgredir no momento poético atual?*, fala sobre os poetas da “geração mimeógrafo”, dos anos 1970, que contrapunham às posturas construtivistas dos poetas concretos, porque estes “defendia[m] uma arte engajada na luta contra a opressão capitalista e julgava necessário sacrificar o presente individual em nome do futuro da humanidade”. Essa geração de poetas que se auto-nomeava marginal, reafirmou “valores como liberdade e subjetividade, contrapondo-se ao construtivismo e objetivismo dos concretos. Ao mesmo tempo, afirmando o “desbunde, celebrando os pequenos prazeres do cotidiano, eles rompiam frontalmente com a sisudez ideológica da poesia participante”.

É nesse contexto que se encaixa Laura Santos, que não é propriamente uma poetisa “marginal”, nem se utilizava do poema-piada, nem defendia a bandeira banal do anticapitalismo,

Reprodução



A também poeta Helena Kolody foi amiga e interlocutora de Laura Santos.

mas que traz alguns desses valores para sua poesia: a subjetividade, a individualidade, a liberdade, os prazeres do cotidiano, etc. Ela resgata o soneto e opta também por versos livres numa linguagem clara e simples. Ou seja, fez o percurso realmente marginal de muitos escritores desconhecidos ou secundários ao que conhecemos como cânone literário, não se preocupando com o reconhecimento.

Só poesia

Laura Santos está no meio do furacão de ideologias da geração de 45, onde alguns buscavam um engajamento cristão, como Murilo Mendes, Tasso de Silveira ou Jorge de Lima. E outros, o engajamento político, como Drummond e Ferreira Gullar. O interessante é que Jorge de Lima só vai se libertar da moral cristã com o livro *Invenção de Orfeu* (1952), Vinicius de Moraes com o *Livro de sonetos* (1957). Já Drummond se liberta do panfletismo socialista com *Sentimento do mundo* (1951). Eles mesmos admitem que essas últimas obras são as mais maduras da suas carreiras, mas há uma crítica marxista que ainda persiste em canonizar as obras pelas defesas ideológicas que atravessam os seus discursos e não pela liberdade criativa que cada um acreditava.

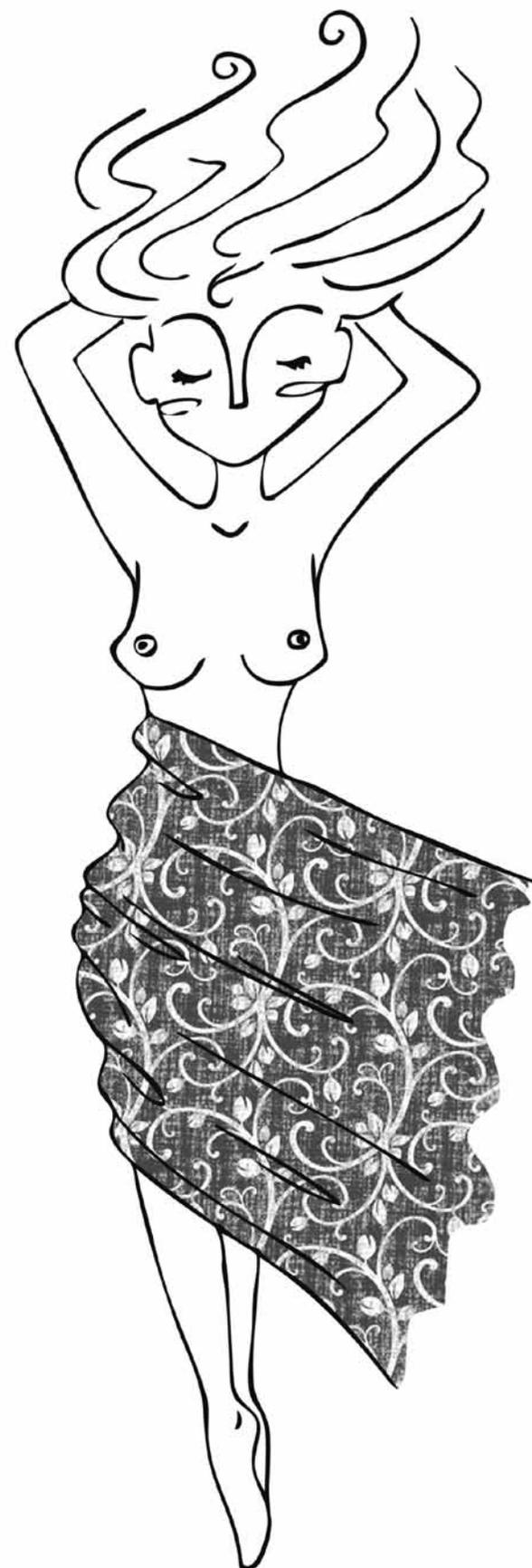
Então, como julgar Laura Santos, já que não há categoria acadêmica que pode defini-la como poetisa negra feminista? Preferimos a defesa de que

 **Claudecir de O. Rocha** é editor e professor universitário. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), atualmente é doutorado em Estudos Literários pela mesma instituição. Também é autor dos livros de poemas, *Teatro dos mortos e Ensauo*. Vive em Curitiba (PR).

ela é principalmente uma poetisa, uma mulher que se expressa artisticamente, sem se prender aos ecos da negritude ou do feminismo, porque construiu uma poesia desvinculada de ideologias modistas, e que, se tem algum valor, é o da própria arte, é o do próprio desejo de se expressar através da sua visão de mundo. Não quero dizer com isso que a poesia de Laura Santos não apresente traços biográficos, femininos e sensíveis, nem que sua poesia não tem autoria, podendo ter sido escrita por qualquer outra poetisa, branca ou negra, carioca ou curitibana.

Prefiro dizer que sua poesia é interessante simplesmente pela própria composição e unidade, pelo aspecto estético dos seus versos. Ser negro ou não, no caso dessa poetisa, é elemento secundário, como o fato de ser curitibana, como querem alguns paranistas, principalmente porque, como vimos nas opiniões de Helena Kolody e de Tonicato Miranda, não havia nela nenhuma atitude complexada quanto à sua origem.

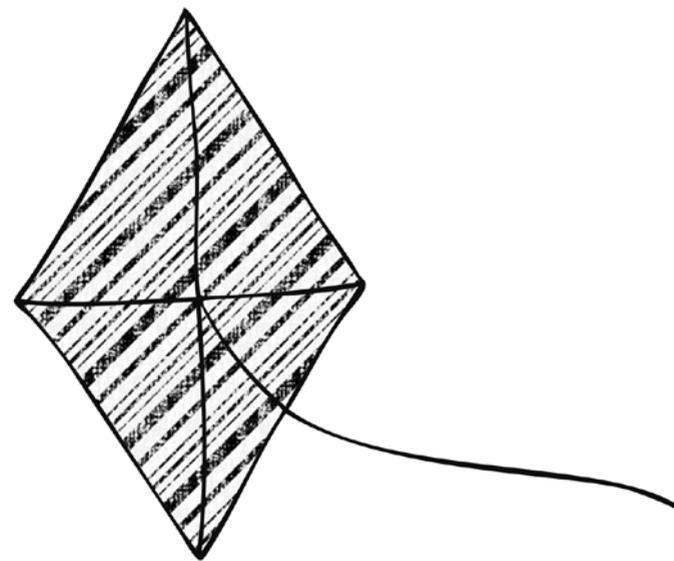
Toda a sua sensibilidade, todo o desejo de ser amada, transcritos nos seus versos, revelam apenas a vontade de ser mulher, sem medos ou receios de se expressar, de amar, de perder o controle por esse amor. E se ela merece um estudo mais profundo, uma reunião completa das suas produções poéticas dispersas nos jornais — é coisa a se pensar a fim de que se possibilite um julgamento mais justo da sua obra. ■



PRIMEIRO POEMA

Quando, envolta em penumbra,
a meditar me ponho,
na doce exaltação deste exaltado sonho
na esplêndida mudez desta noite sem lume,
principio a sentir em tudo o teu perfume.
Levemente ao redor do meu leito flutuas,
sinto em meios seios nus as tuas faces nuas,
e o teu vulto sutil, subjetivamente,
em insano prazer,
em volúpia fremente
como serpe voraz, se enrola no meu ser.

E quando eu volto, de repente,
da fria realidade,
compreendo que é a saudade
que me fez te sentir,
que me fez te gozar;
e, nesta noite fria,
eu encontro somente
a triste solidão de minha alma vazia.



VOLÚPIA

Quando desperta o sol, com seus brutais desejos,
beija o meu corpo inteiro em seu delírio rubro.
Na limpidez do céu, todo desfeito em beijos
um poema sensual de róseo amor descobro.

Sob este sonho ardente e de sutis harpejos,
a natureza toda é um marmóreo delubro.
Em espasmos de gozo o deus pagão sem pejos,
sorridente se impõe pelas manhãs de outubro.

Eu, toda fluido sou, e sou toda elastério,
na ondulação febril de profundo mistério
que vem na voz do vento e na luz do horizonte.

Som que cresce na chama aurífica da aurora,
que é da volúpia a voz veludínea e sonora,
e desliza em meu sangue, em coleios de fonte.

 **Laura Santos** (1919-1988) nasceu em morreu em Curitiba. Fundadora da Academia José de Alencar, é autora de uma obra enxuta, constituída de *Sangue tropical*, *Poemas da noite* e *Desejo*, todos de 1953.

CÉU E CHÃO

Com seda e plástico,
 Fez sua raia,
 Pipa,
 Pandorga,
 Rasgando o céu,
 Cortando rabiolas,
 Debicando e embolando,
 A linha nos fios de alta tensão,
 Sabe do risco,
 Mas é menino,
 Vive por instinto,
 Não por limitação,
 Se poda alguém,
 É a maior correria,
 Chinelo arrebetando,
 Sorriso no rosto,
 E mais uma pipa,
 Tirada de circulação,
 Que entra para a sua coleção.



FÉ QUE MATA

Ditam a paz,
 O livro tanto faz,
 Descreditam uns aos outros,
 Buscando superioridade,
 Salvação,
 Anseio,
 Bondade,
 Na real,
 Pedras soltas nas calçadas,
 Viram instrumento de guerra,
 Mas,
 Vê se me erra,
 Nesse confronto divino,
 Sangue virá vinho,
 Onde a alta casta,
 Embriaga-se,
 Ironizando,
 A áurea do conflito.

 **Gil Jesse** é poeta, artista plástico e designer gráfico. Foi selecionado para a antologia *Novos autores curitibanos: crônicas, poesias, contos* (2013), lançada durante a primeira edição do Litercultura – Festival Literário realizado na capital do Paraná. Vive em Curitiba (PR)

Em dia com a rebeldia

Compositor de clássicos do rock nacional como “Sonífera Ilha” e “Homem Primata”, o músico e jornalista fala de seu envolvimento com poesia, política e budismo

OMAR GODDY

Divulgação



Aos 58 anos, Ciro Pessoa finalmente vai lançar seu primeiro livro. *Relatos da existência caótica*, que sai até o fim deste mês pela editora portuguesa Chiado, reúne cinco dos 11 volumes de poesia escritos — e nunca publicados — pelo músico e jornalista ao longo das últimas três décadas. Sempre lembrado na cena roqueira como líder da banda pós-punk Cabine C, Pessoa também fez parte da primeira formação dos Titãs (é coautor de *hits* como “Sonífera ilha”, “Toda cor” e “Homem primata”) e até hoje desenvolve projetos musicais independentes. Mas, ultimamente, vem chamando a atenção por seu posicionamento, digamos, contundente contra o governo federal.

Ao lado de contemporâneos como Lobão e Roger Moreira (*Ultraje a Rigor*), Ciro Pessoa vem praticando uma militância permanente de oposição na internet. E não se importa de ser chamado de “reaça” por causa disso. “Sim, sou um radical. Pode me chamar do que quiser. Odeio comunistas e esquerdopatas em geral”, afirma o artista. Segundo ele, essa indignação começou em 2010, quando lançou o disco solo *Em dia com a rebeldia* e não conseguiu divulgá-lo por não fazer parte de uma determinada “panela” de artistas alinhados com a situação.

Felizmente, o assunto central desta entrevista é bem mais agradável: a poesia, gênero que fogueou Pessoa ainda criança, graças ao rock and roll. Mais especificamente, por meio dos álbuns *Yellow Submarine* (Beatles) e *Os Mutantes* (do grupo paulista homônimo), ambos lançados no final dos anos 1960. “Lembro da minha mãe traduzindo o refrão da música ‘Yellow Submarine’ e do meu espanto e alegria ao saber que a ficção, a imaginação, o não real, também pertenciam à vida”, conta. A partir

daí, outros roqueiros com pegada literária passaram a fazer sua cabeça, como Lou Reed, David Bowie, Jim Morrison e Jimi Hendrix (“Sim, Hendrix foi um grande poeta também”, diz).

Seus poetas preferidos são os portugueses Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro e Camilo Pessanha, os franceses Charles Baudelaire e Arthur Rimbaud e o norte-americano Walt Whitman. As correspondências de Antonin Artaud, também francês, foram igualmente decisivas para sua formação. “Eu cursava duas faculdades, Jornalismo e Direito, quando li uma coletânea de cartas escritas por ele. Aquilo pirou a minha cabeça e fez com que eu largasse os dois cursos e viajasse pela França, onde fiquei por dois anos”, lembra.

Envolvido com o budismo desde os anos 1990, o artista também se interessa pela poesia filosófica oriental. “Quem se envolve com o budismo dificilmente se livra dele. Ele está absolutamente presente no meu dia a dia, no meu comportamento e nas minhas convicções”, explica. E cita alguns autores tibetanos, como Chögyam Trungpa, Drupka Kunley e Jetsün Milarepa. “Meu livro, aliás, está permeado de pensamentos budistas do começo ao fim”, avisa.

No campo da prosa, Pessoa confessa uma influência marcante da literatura norte-americana pré e pós-*beat* — Charles Bukowski, Henry Miller, John Fante, Jack Kerouac. Ainda cita o francês Louis-Ferdinand Céline e os argentinos Julio Cortázar, Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. Entre os brasileiros, apenas três conseguiram cativá-lo: Campos de Carvalho (“O melhor de todos”), Oswald de Andrade (“Gosto de algumas obras, como *Serafim Ponte Grande* e *João Miramar*) e “o Guimarães Rosa de *Grande sertão: veredas*”.



Quando o assunto é a produção poética dos rock nacional oitentista, seu berço artístico, Pessoa concorda com a opinião geral de que os textos tinham mais força naquela época. Para ele, o embasamento intelectual de figuras como Renato Russo ou de alguns integrantes dos Titãs fez toda a diferença. “Muitos compositores desse período tinham um vínculo muito forte com a poesia e a literatura”, diz, para depois alfinetar a geração atual. “Não estou vendo absolutamente nada acontecendo hoje. Acabou. Está tudo uma merda.”

Ainda assim, Ciro Pessoa não desiste de fazer música. No momento, o artista e sua banda de apoio (batizada de Nu Descendo a Escada) ensaiam um *set* com poemas musicados, extraídos de *Relatos da existência caótica*. A ideia é estrear no evento de lançamento e depois excursionar por outras cidades brasileiras. Enquanto isso, ele segue colaborando como *freelancer* para veículos da imprensa e já prepara um segundo livro, dessa vez de ficção. “É sobre uma grande história de amor, e terá uma narrativa com pinceladas de surrealismo”, adianta, por hora. ■

JANELAS PARA UM CERTO CAMPO

Tradução: Alessandro Rolim de Moura

Fragmento VIII Gow (citado por Estobeu numa seção intitulada “Sobre a tranquilidade”)

As minhas cançõezinhas,
Aqueles que até agora a Musa traz,
Já me farão, se belas, glorioso.
Se nenhuma convinha,
Vou me cansar fazendo muitas mais?
Se o Cronida ou o Fado caprichoso
Um tempo para o gozo
Outorgara e, ao trabalho, uma outra vida,
Quem sabe se pudesse, após a lida,
Ter do bom e do nobre tão somente.
Mas se o deus só consente
Que ao mundo venha o homem uma vez,
Mesquinha e bem menor que o suficiente,

Até quando, coitado,
Te esforçarás em obras e fadigas,
Sempre almejando mais ganho opulento?
Foi por ti olvidado
Que nasceu para a morte nossa vida
E a Moira nos sorteia pouco tempo?

(fim do século II – início do século I a.C.)

Fragmento II Gow (citado por Estobeu numa seção intitulada “Sobre Afrodite”)

Pã amava Eco, sua vizinha, e Eco amava um Sátiro saltitante, e o Sátiro era louco por Lide.

Tanto quanto Eco a Pã, a Eco o Sátiro abrasava e Lide ao Satirozinho: Eros ardia alternado. Pois quanto um deles odiava o amador, tanto igualmente amando era detestado, e sofria o que causava.

Esses casos conto como lições para os sem amor: queiram bem aos que amam, para que, se amarem, sejam amados.

Mosco (meados do século II a.C.)

Nota do tradutor: Os poetas gregos Mosco e Bíon são representantes da tradição bucólica no período que separa os dois maiores nomes antigos dessa espécie de poesia (Teócrito, séc. III, e Virgílio, séc. I a.C.). Os fragmentos que trago aqui são citados por Estobeu, um compilador do final da Antiguidade, e exemplificam dois temas importantes no universo bucólico: a ênfase no amor não correspondido e a resistência ao mundo do trabalho (ainda que as personagens típicas do gênero sejam trabalhadores rurais, mais especificamente pastores, nessa representação poética suas experiências são, na maior parte das vezes, desvinculadas da dureza que, poderíamos supor, deveria caracterizar as atividades diárias do cuidado com rebanhos). É possível que Estobeu tenha omitido algum contexto dramático ou narrativo mais concreto em que as passagens apareciam, pois sua compilação tem o claro propósito de reunir excertos por seu valor de ensinamento moral. O texto de Mosco, procurei traduzir deliberadamente em tom próximo do prosaico, apesar de o grego estar em hexâmetros, numa evocação da *Quadriha* drummondiana. Adaptei os versos de Bíon (originalmente no mesmo metro usado por Mosco) imitando uma forma estrófica encontrada nas *Éclogas* de Camões. Como se trata de um fragmento, sugiro a incompletude do poema empregando o que seria uma estrofe inteira mais o pedaço de uma outra estrofe do mesmo tipo. A edição utilizada é a de Gow.

 **Alessandro Rolim Moura** é doutor em Letras Clássicas pela Universidade de Oxford e mestre em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vive em Curitiba (PR).